



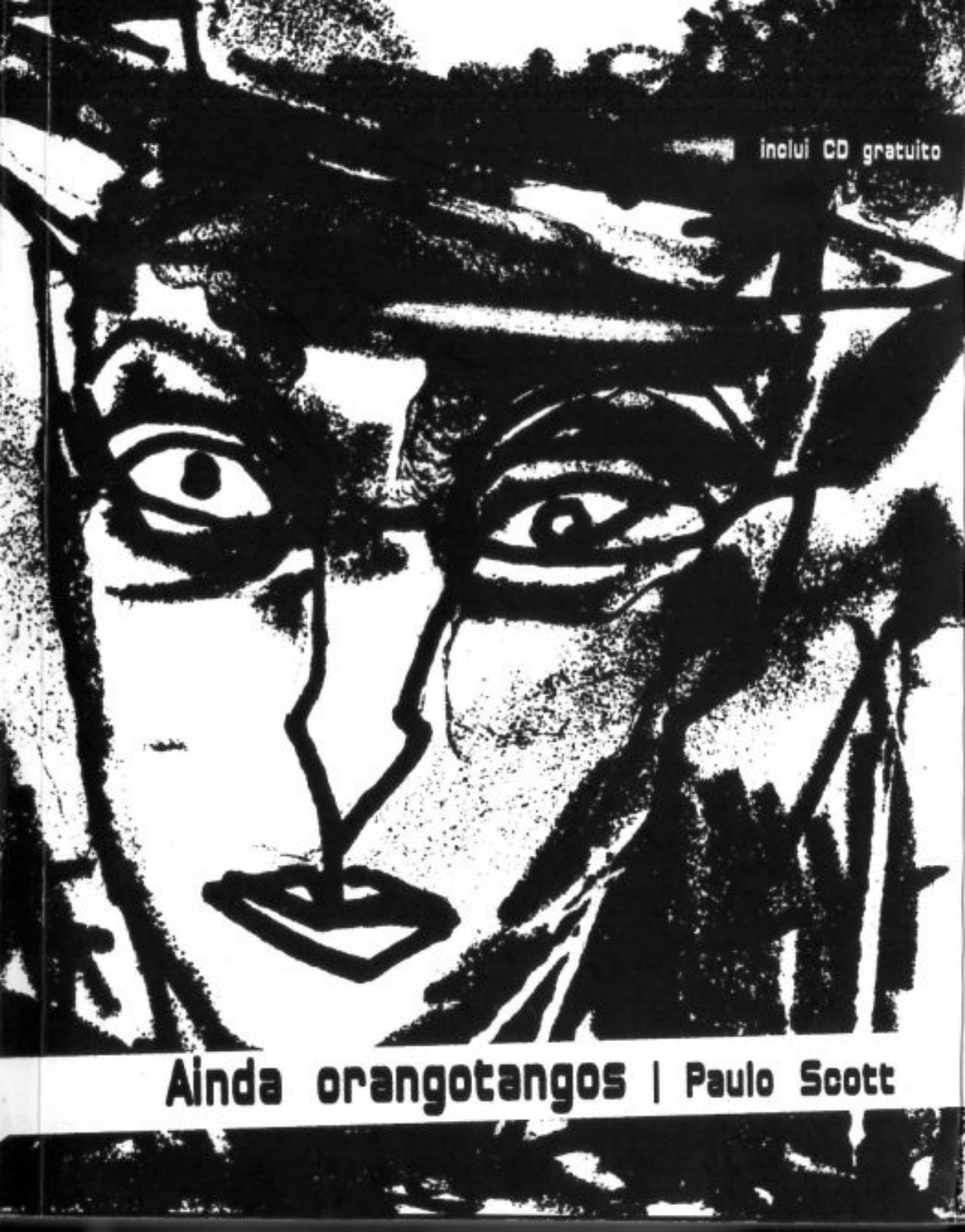
Paulo Scott

ainda
ORangotangos

BB

BERTRAND BRASIL





inclui CD gratuito

Ainda orangotangos | Paulo Scott

O que impressiona, nos textos de Paulo Scott, é a mágica de transformar o trivial em estranho e o comum em perguntas, quase sempre sem respostas. E esse é o papel da verdadeira arte, e prova – como já disse alguém – que a literatura é necessária porque a vida não é suficiente. Destaco o rigor formal: nenhuma palavra está demais e não falta nada; com essa essencialidade, Paulo Scott organiza suas narrativa sobre o fio da navalha, e o resultado é de uma inteireza impecável. Saúdo nesse jovem autor uma das mais interessantes vozes de nossas letras.

LUIZ ANTONIO DE ASSIS BRASIL

Gosto da Inquietação lingüística de Paulo Scott. Arte é transgressão, ousadia. Penso que os contos de Scott têm essas características.

CHARLES KIEFER

Paulo Scott fala de lugares e personagens instáveis, gente capaz de poesia e brutalidade em igual medida, gente que abre caminho na vida às cotoveladas. Recomendo cautela neste território, cautela de quem será guiado por um cego através de um campo minado.

MARÇAL AQUINO



Paulo Scott é autor do livro de poesia *Histórias curtas para domesticar as paixões dos anjos e alenar os sofrimento dos monstros* (Sulina, 2001); com a ajuda do músico Flu e do desenhista Fábio Zimbres, criou o cultuado evento literário de Porto Alegre **PÓQUET: RUÍDO & LITERATURA**
»»» ESCRITORES QUE TOCAM
- MÚSICOS QUE ESCRIVEM <<<

e-mail: pscott@terra.com.br

A ventarola da cabine ficou aberta, o vento entra e sai furiosamente. Joga um frio que arde em meus lábios. O vagão balança como um torniquete frouxo, desejoso por descarrilar, nadando nos míseros segundos da queda (primeiro pela grama coberta de gelo, depois encosta abaixo), como teus dedos mortos em minha boca. A gravação da tua voz aflita pedindo pra eu não te deixar partir, foi o que sobrou. Todos estão mortos. O condutor sintético (imune por ser máquina) leva o trem pelo pampa gelido. Minhas unhas rodam como hélices sobre teus olhos, esfregam-se contra a maciez já quase exilada do teu rosto, para dar-te dor, ressuscitar-te, fazer-te voltar. Nada adianta. As bactérias aconchegadas nas minhas gengivas se atizam mais e mais, reproduzem-se, aguardam como um cardume de robalos para saltar de meus beijos salgados, infectando quem estiver pela frente.

COLEÇÃO



TUMBA DO
CÂNONE

ISBN 85-89966-01-1



Financiamento:



Prefeitura de Porto Alegre
ADMINISTRAÇÃO POPULAR
Secretaria Municipal da Cultura

Ainda Orangotangos

Paulo Scott

COM ILUSTRAÇÕES DE PAULO CHIMENDES

livros
do mal

PORTO ALEGRE

2003

Coleção Tumba do Cão, vol. 4
Editores: Daniel Galera e Daniel Pellizzari

Copyright © 2003, Paulo Scott

Diagramação: Daniel Galera
Revisão: Daniel Pellizzari e Camila Dalbem
Ilustrações : litografias de Paulo Chimendes, todas sem título
Fotografia: arquivo do autor

ISBN 85-89966-01-1

Livros do Mal
Rua Prof. Antônio José Remião, 15/77
Porto Alegre - RS
CEP 91770-670
tel: 51 3341.4869 - 51 556.2602
editora@livrosdomal.org
<http://www.livrosdomal.org>

2003
Impresso no Brasil
Printed in Brazil

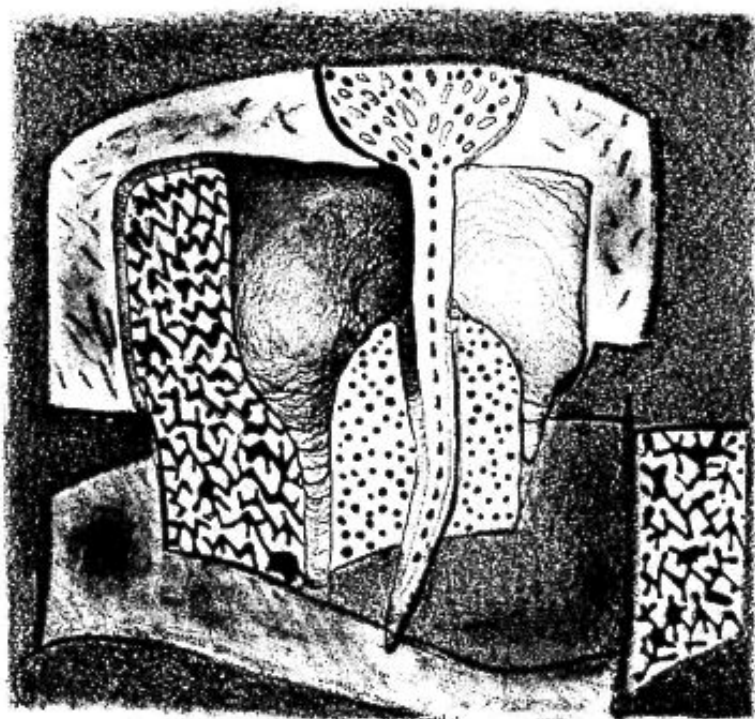
Financiamento:



Prefeitura de Porto Alegre
ADMINISTRAÇÃO POPULAR
Secretaria Municipal da Cultura

ÍNDICE

O MOLUSCO E O ESQUIZÓFORO	9
UM LUGAR COMO OUTRO QUALQUER	17
CASACAS GRENAIS	21
OS ROBALOS	25
PUSILÂNIMES NO CAFÉ DA MANHÃ	29
INSÔNIA POSTIÇA	33
GENTALHA	37
SOPROS DE AMPULHETA	41
AINDA ORANGOTANGOS	47
SE HÁ FANTASMAS NO PARQUE	53
NADA EM CIMA DO INVISÍVEL	57
FUNNY VALENTINE	61
RASCUNHOS DO DIABO	67
INSTANTE DURO	75
MARTIN	79
ATÉ SER ATINGIDO	85
UNIDUNITÉ	89
MANHÃS	93
CARROS VELOZES	97
RASPAS DA VILANIA	101
LINGUAGENS MÍNIMAS	105
VENÂNCIO COM JOÃO PESSOA	109



O MOLUSCO E O ESQUIZÓFORO

Abro a porta, ela corre na frente dizendo que é tudo só pra nós, olha os quartos, volta saltitando e me abraça esfuziante (tal excesso me incomoda). O apartamento é amplo, garante. Digo para se acalmar, são onze da noite, os vizinhos estranharão o barulho. Deito sobre o tapete da sala, ela me pergunta se não vou conhecer as outras peças. Preciso recuperar o fôlego, respondo. Ela me convida para beber algo, golpeando-me de leve no ombro com seu pé esquerdo, digo que não seria mal. Ela vai até a cozinha, cantarolando baixinho. Escuto-a abrir a geladeira, diz só haver água mineral, deixa a porta escancarada iluminando os azulejos e tudo mais, vai conferir os armários. O clique das portas abrindo é igual, mas a batida quando as fecha é cada vez mais forte. Digo pela última vez que não faça barulho. Ela pragueja, diz que as prateleiras estão todas vazias. Nada de comida?, pergunto. Não há comida, só uma garrafa de azeite e um pote de sal, responde, retornando à sala. Observo-a revirar os móveis atrás de uma garrafa que seja e, já

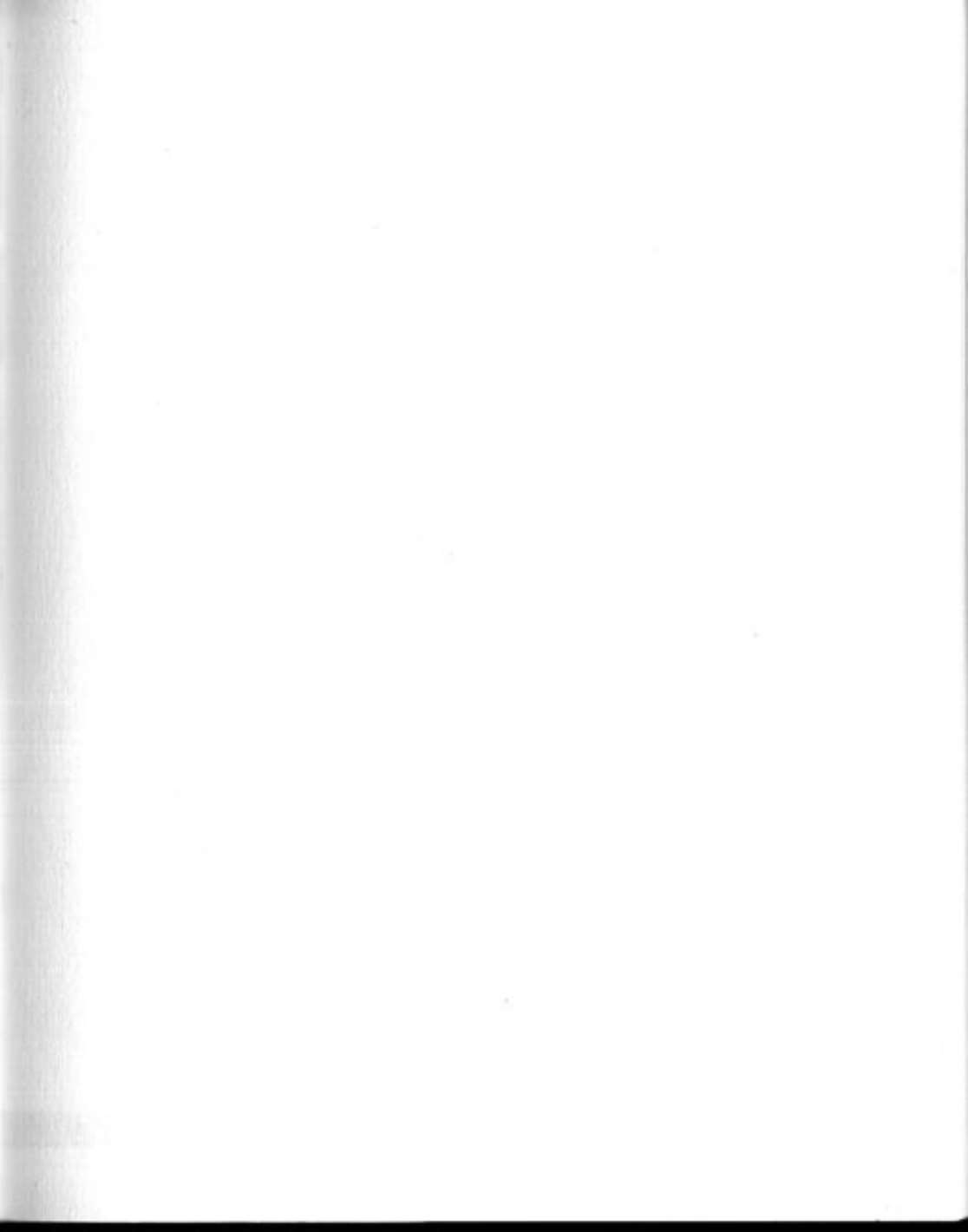
acostumado com a penumbra, reparo nas fotos da proprietária espalhadas por todos os lados: é uma modelo. O quê?, ela pergunta. A dona do apartamento é uma dessas modelos anoréxicas, por isso não há comida. Não quero saber de comida, vai até os quartos, revira-os um por um, ouço o tilintar de vidros. Volta segurando uma sacola dessas lojas de marca e uma toalha de veludo púrpura. Ajoelha-se, estende a toalha ao meu lado, ajeita sobre ela frascos de perfumes e desodorantes, há até um de mel que ela diz ser o mais caro do mercado. Digo-lhe que perca as esperanças, o veludo púrpura não vai atenuar nosso desespero. Ela me olha irritada e pergunta se vou começar a complicar. Púrpura, sua ignorante, a cor da secreção que sai da glândula anal dum molusco chamado púrpura... os romanos usavam para tingir tecidos, simbolizando riqueza de espírito, caráter, dignidade social... essas coisas que os desesperados como nós não têm. Não me enrola, ganso, dedo-duro de merda, ela diz, enquanto lambe o roll-on do tal desodorante de mel. Olha no dicionário, então, e, encarando-a, cruzo os braços. Ela ri, deixa o desodorante de lado, abre um dos frascos de perfume, entorna-o sem cerimônia. E aí, não quer ficar doidão?, pergunta. Pego o frasco maior (um que parece uma garrafa de uísque) e viro. Dou uns três goles, tenho vontade de vomitar, mas me seguro, aguardo firme a náusea e a queimação passarem. Não tem rádio nem televisão, ela diz. É, estamos ferrados, respondo. Ela se levanta, vai até a janela olhar a avenida, está cheio de polícia lá fora, avisa. Imaginei que isso fosse acontecer..., dou mais uns goles no perfume e me deito novamente. O que vamos fazer?, ela pergunta. Vamos encher

a cara e arranjar algo pra comer. A campainha toca. Ficamos em silêncio. Do lado de fora, alguém diz: fica de olho neste apartamento aqui... é um dos poucos sem grade na porta. Ela se abaixa, vem engatinhando cuidadosamente na minha direção e, quando está próxima, sussurra no meu ouvido: se tu ficar com muita fome... mesmo eu não indo com a tua cara, deixo tu me comer, pega de novo o desodorante de mel, destampa-o, ou tu prefere os peixinhos ali? Peixinhos? Levanto-me, realmente há um aquário embutido numa das estantes, uns dez peixinhos laranjas nadam nele. Tem fogão na cozinha?, pergunto. Ela confirma. Então, vou pescar. Que bom, meu maridinho vai pescar, ela exclama. Olho-a surpreso. Nunca brincou de casinha?, ela diz e se joga no sofá. Destapo o aquário, tiro os peixes, limpo-os na cozinha. Quer uma ajuda?, ela está de pé na porta. Peço que encontre o sal e o azeite. Ela nem se mexe: gozado!, como a vida é estranha... uns amigos meus, já se meteram numa situação como esta, só que não havia peixinhos... aí, resolveram abrir uma almofada, tiraram as bolinhas de isopor de dentro, temperaram com... puxa... eles estavam loucos mesmo... temperaram com o próprio sangue e depois... o toque final... um chupou o outro... proteína, tu sabe, né?, dá uma risada contida, aponta o lugar do sal e do azeite, volta para a sala. Frito os peixinhos, ofereço. Talvez umas gotas de proteína mais tarde, ela responde e ri. Como-os de pé. Quando volto pra sala, ela já está completamente apagada. Dou mais uns goles no perfume, provo o desodorante de mel, é horrível, minha língua fica grudando. Observo-a estirada sobre a poltrona. Gisele Romero Saraiva e Silva (por

mais fora de controle que eu estivesse, esse sobrenome jamais me passaria despercebido). Foi no dia em que me levaram pra clínica: Romero Saraiva e Silva?, perguntei, por acaso é parente do... Sou filha dele, ela respondeu. Contou-me que estava internada já há cinco semanas. Álcool e cocaína, antecipou. Eu também, falei sem desgrudar os olhos dela. Essa conversa foi há quatro dias... Acho que ela tomou uns dois frascos cheios. Levanto, caminho até o lavabo, molho o rosto, os pulsos (não posso dormir... não posso), encaro-me no espelho: o que farei com ela? Trouxe-a aqui para isso... vingar-me, ao menos de um. Caminho pelo apartamento, é enorme. Na suíte, há uma banheira de hidromassagem. Abro a torneira da água quente, observo encher... abro a água fria. Dois terços. Fecho. Vou até à sala, tomo-a nos braços, (não acordará), levo-a até a banheira, deixo seu corpo escorregar dos meus braços e, vestida, boiar na água morna. Dispo-a, seguro-lhe o pescoço (o cabelo se enreda em meus dedos), escoro o cotovelo na borda da banheira, conto um, dois, três... conto de novo. Trouxe-a aqui pra isso... Permaneço com o cotovelo apoiado na borda até meu braço formigar. Então, pego um dos sabonetes coloridos que estão num cesto sobre a pia e a ensabão. Lavo-a cuidadosamente. Sais, xampu. Tiro-a da banheira e a deito sobre a cama. Escolho um dos vestidos do closet, começo a enxugá-la. Detenho-me um instante para escutar seu coração: as batidas fraquejam no peito magro. Visto-a. Pego o pote de gel que está no canto da penteadeira, escoro seus ombros em meu colo, espalho o gel nos seus cabelos e os penteio. Por fim, ajeito-a sobre os travesseiros. Linda. Afrouxo a cinta,

minha calça cai, masturbo-me. Recolho o esperma numa taça de cristal. Pergunto-me que diabos estou fazendo? Deixo a taça sobre o criado-mudo. Vou ao banheiro, tiro as meias, a camisa, mergulho na água suja do banho dela (ainda está morna), fico ali até esfriar. Observo através da vidraça o despontar da claridade matinal, levanto-me. Caminho até a sala, pego o telefone, ligo para o programa de proteção à testemunha. Digo onde estou, peço que tragam algo pra me desintoxicar. O promotor de justiça diz ter passado a noite me procurando. Sem chance, contador de bandido sabe mesmo se esconder, tento ser engraçado: tive medo, afinal é na véspera das audiências que os programas de proteção falham... Venham sem alarde... não vamos estragar as coisas no final. Ele diz que tudo acabará bem. Conversa fiada... qual é?, sei que vou morrer, retruco, mas antes o Buda e o Jota Noite vão pra cadeia, ralar a bundinha por uns tempos. Olho a vidraça da sala, amanheceu por completo. Visto as calças, saio sem fazer barulho. Chamo o elevador, uma senhora desce comigo, olha meus pés descalços, diz para eu ter cuidado se não vou me resfriar. Digo que minha saúde é de ferro. O promotor, a psicóloga, a polícia civil, os enfermeiros e até a assistente social estão todos no saguão do prédio (vejo pelas caras que passaram mesmo a noite atrás de mim). O promotor se aproxima: quanta gente ameaçada querendo a hospedagem padrão, receber um salário bacana, no esquema normal de custódia..., fica falando (não presto atenção), os enfermeiros me atendem com rapidez. Um carro preto e quatro motos do Grupo de Operações Especiais estacionam em frente ao prédio. Vamos lá, ele diz, segurando meu bra-

ço e me conduzindo até o carro. O motorista arranca em direção ao Fórum Central. O promotor volta a falar, a gente abre uma exceção, te leva pra uma clínica grã-fina, e tu ainda... droga! Corremos riscos demais... Deixo-o falar, enfio a mão no bolso das calças, pego o desodorante de mel, tento ler o rótulo, está em francês. Desço o vidro do carro (a luminosidade me incomoda; penso que nunca mais a verei). Uma das motos da escolta passa rente a nós, o motorista acena com invejável serenidade. Jogo o desodorante pela janela.



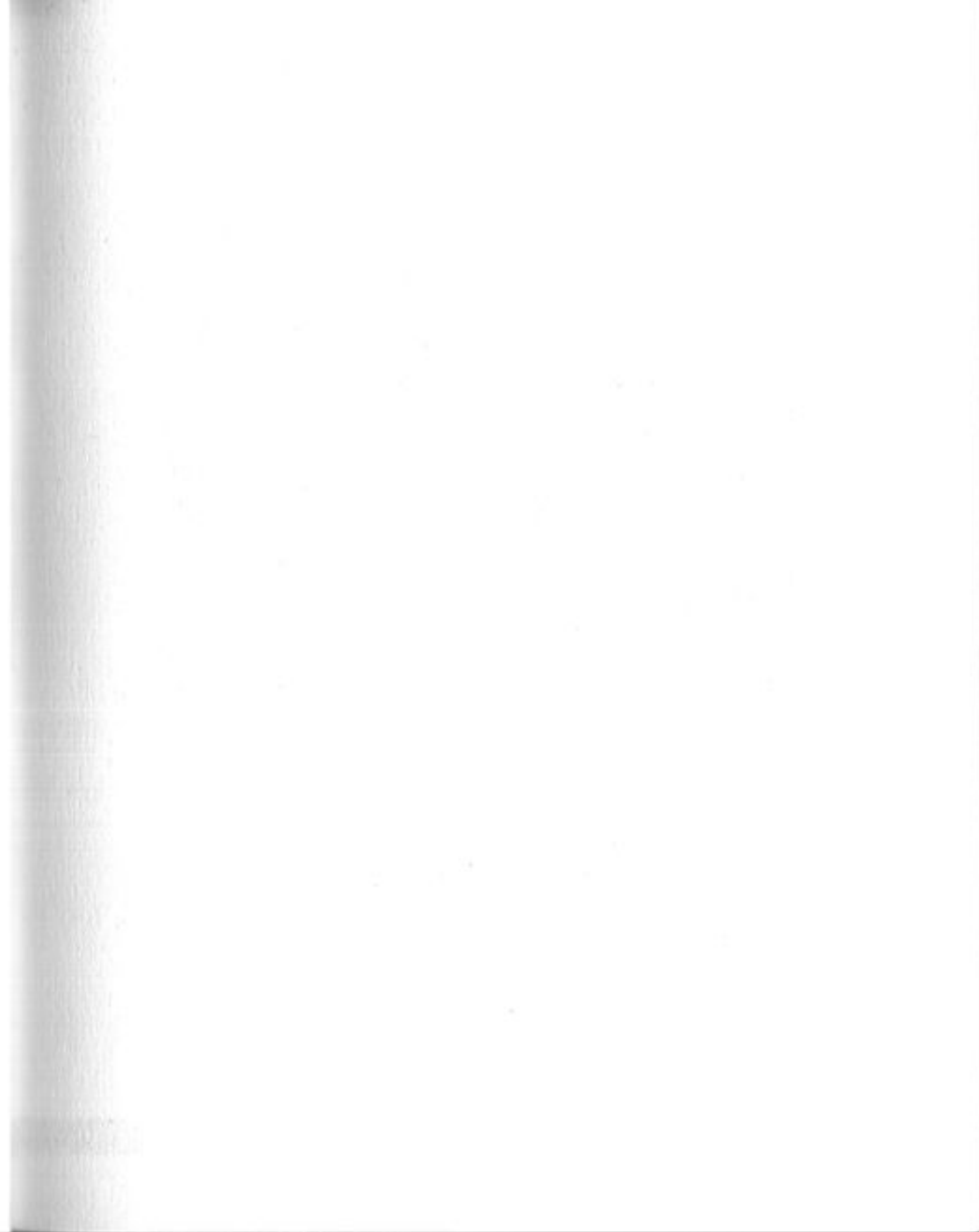


CD | FAIXA 2 - JAZZ PAN - FLU

UM LUGAR COMO OUTRO QUALQUER

Foram mais de quatrocentos quilômetros. Apesar das dores nas costas, estou exultante, é nossa centésima apresentação. Tudo parece em ordem. Os convidados vão chegando aos poucos, a banda começa a tocar. O sujeito que nos contratou se aproxima, é um dos padrinhos do noivo, convida-me para um uísque na copa. Aceito. Ele enche meu copo como se estivesse fazendo um grande favor, tira do bolso do casaco trinta notas de cinquenta, conta uma por uma e as coloca sobre o balcão. Agradeço. Ele sai sem rodeios. Fico bebendo sozinho, provo uns salgadinhos e a salada de maionese. Termino o uísque, volto pro salão, está quase cheio. Os pares estão animados, a música dos garotos é boa, empolgo-me. Atravesso a pista em direção a umas meninas que conversam eufóricas, próximas à porta de entrada, peço licença, convido uma delas para dançar. Não danço com preto, ela responde. As outras riem, dizem que fez muito bem. Pelo jeito, aqui ninguém dança com o pessoal da minha laia, cruzo os braços, olho ao redor. A mais bonita diz que aprendi rápido e me

recomenda o puteiro perto do trevo de entrada da cidade: lá tem umas indiazinhas fedorentas que se tu pagar direitinho dançam contigo a noite toda. Riem ainda mais. Dou um passo à frente: não dançam com preto? Então, ninguém mais dança nesta merda. Emudecem por completo. Faço sinal pro vocalista, os músicos param imediatamente, começam a desmontar o equipamento. O sujeito que nos contratou se aproxima, devolvo-lhe o dinheiro, ele tenta argumentar, viro as costas, vou em direção ao micro-ônibus, ligo o motor, fico esperando. Assim que o último músico entra, arranco sem dar uma palavra. No terceiro quarteirão, um deles reclama: viemos até aqui pra não tocar... não acredito. Olho-o pelo retrovisor, respondo: vamos tocar sim e vai ser de graça... deixa só eu encontrar um tal lugar ali no trevo de entrada da cidade.



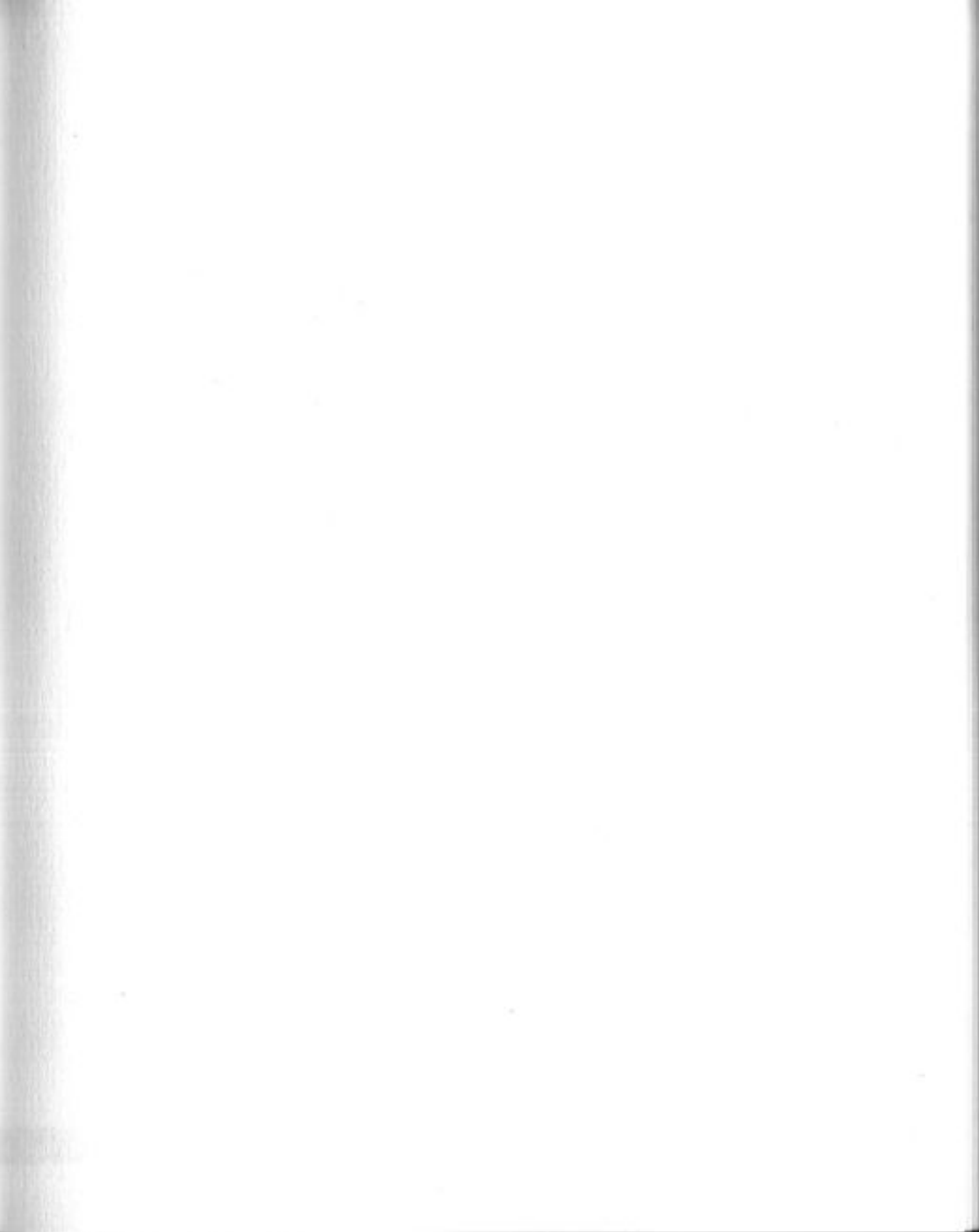


CD | FAIXA 3 - CASACAS - CELSO COELHO E SIMONE CARVALHO

CASACAS GRENAIS

Foi ali em volta da Praça Garibaldi, num domingo de 1975, quando o Inter ganhou o Campeonato Brasileiro. As pessoas saíram à rua. As crianças gritavam, com suas bandeirinhas destroncando no ar, requebrando entre pulos. Havia aqueles nove ou dez inseparáveis: a turma da Lobo da Costa. Estavam juntos, aloprados em volta da estátua do Italiano e da Anita, quando ouviram as buzinas da Variant gelo. Era a irmã mais velha de um deles, tinha acabado de completar dezoito anos. Ela baixou o vidro, escorou o cotovelo na janela: vamos lá, seus caretinhas, vamos azucrinar na Padre Caci-que, comemorar o título. Não entenderam. O que a louca varrida queria? O irmão explicou: há semanas estava sem namorado. Ninguém perguntou mais nada, correram feito aranhinhas pra camionete, menos aquele mais novo, o mais colorado dos nove (ou dez). Tenho que avisar a mãe e já volto, gritou de longe. Correu pra casa, entrou, pediu autorização (ela sorriu da cozinha), foi até o quarto e se fardou. Saiu correndo. Ao chegar na praça, procurou-os, viu a

camionete dobrando a Venâncio Aires (as meninas da turma ainda abanaram pra ele do banco de trás). Não acreditou: desgraçados!, todos desgraçados! Olhou em volta, sentou no meio-fio, desamarrou as chuteiras, ficou ali, riscando o grés da calçada. Os amigos não voltaram. Suspirou, pôs-se de pé, caminhou lentamente para casa. Entrou, foi direto ao quarto, tirou o fardamento vermelho, olhou-o sobre a cadeira (como se nunca tivesse sido seu). No outro dia, após o banho, ao abrir a gaveta das calças e camisetas, deteve-se por minutos, olhando cada peça de roupa com muita atenção, depois vestiu-se e saiu. A rua, o bairro, a cidade estavam todos de vermelho, mas um garoto de oito anos, pela primeira vez, andou pela Lobo da Costa completamente vestido de azul.





CD | FAIXA 4 - NEVA - FILI

OS ROBALOS

O hemisfério norte praticamente desapareceu. Os únicos centros de civilização se encontram abaixo do paralelo trinta, estão na Austrália e na América do Sul. As guerras químicas e as manipulações genéticas fizeram surgir seres humanos com a compleição profundamente modificada. Seu aspecto incomum levou-os ao isolamento, estão segregados em campos de concentração na Terra do Fogo. Essa medida drástica afligiu-os por quase três décadas. Agora, têm um plano.

A ventarola da cabine ficou aberta, o vento entra e sai furiosamente, joga um frio que arde em meus lábios. O vagon balança como um torniquete frouxo, desejoso por descarrilar, nadando nos míseros segundos da queda (primeiro pela grama coberta de gelo, depois encosta abaixo), como teus dedos mortos em minha boca. A gravação da tua voz aflita pedindo pra eu não te deixar partir, foi o que sobrou. Todos estão mortos. O condutor sintético (imune por ser máquina) leva o trem pelo pampa gélido. Minhas unhas rodam como hélices sobre teus olhos, esfregam-se

contra a maciez já quase exilada do teu rosto, para dar-te dor, ressuscitar-te, fazer-te voltar. Nada adianta. As bactérias aconchegadas nas minhas gengivas se atacam mais e mais, reproduzem-se, aguardam como um cardume de robalos para saltar de meus beijos salgados, infectando quem estiver pela frente. Abro tua boca, observo tua língua querendo azular, recordo tua expressão de espanto naquela noite em que nos conhecemos na estação de alpinismo, quando, num beijo afoito, descobriste que eu não tinha língua e também o fato de teres me aceitado sem medo. Mas isso agora é passado. Aperto firme tua língua, arranco-a sem vacilo, beijo tua boca pela última vez, tomando-te como par. Misturado no sangue, sinto o doce da tua saliva, sugo-o sem engolir. Aperto os lábios, deixo de respirar. Protelo teu gosto no céu da minha boca, engasgo-me entre nuvens brancas (empoadas sem pressa, enquanto sufoco), espremo-as em busca de ar, mesmo assim não respiro. Oh, espera meu inocente amor, espera, já vou. Não há mais vingança. Meu coração salta forte, cruzo os braços, aperto-o como nunca, é bom que salba logo: chegou nossa hora. Contorcendo-se, ele se deita ao lado dela e, quase por desmamar, enfia a língua ensangüentada na boca, desfalecendo em seguida. Sobre a cama, seu corpo balança (idêntico aos dos inimigos) sem vida. O trem segue em direção a Buenos Aires. O vento frio não pára.



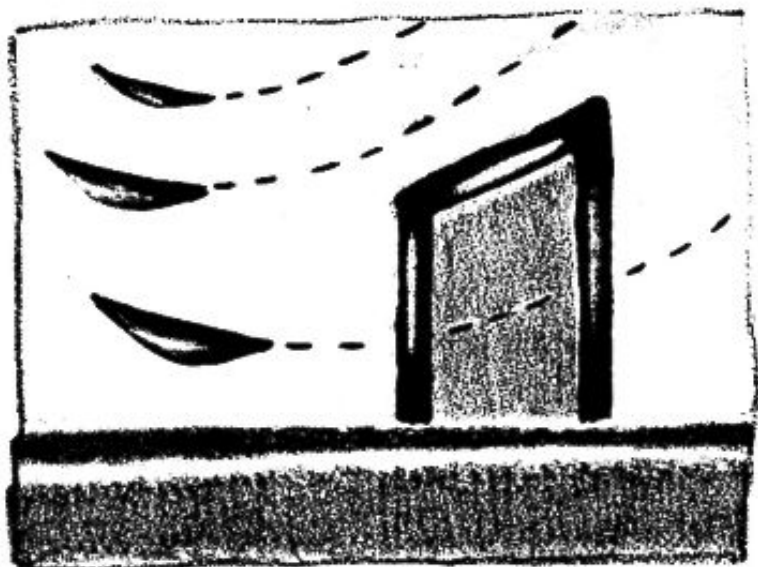
CD | TAIXA 5 - PUSILANIMES - FLA1

PUSILÂNIMES NO CAFÉ DA MANHÃ

Acordo com som de ventiladores, está escuro. Vou pelo corredor Tateando, ainda não me acostumei com o apartamento. Bater de asas, pássaros? Acendo a luz, a sala está infestada de morcegos. Voam em círculo causando uma mancha negra assustadora. Recuo, entro apressado na primeira porta, a da biblioteca. Tranco a porta, acendo a luz, tento me recompor, é enorme o pavor que sinto de ratos e morcegos (cheguei a comentar isso com o casal que me vendeu o apartamento). Alguém bate à porta. Três vezes. Sinto a pressão nas costas. Dou mais uma volta na fechadura e me afasto (troquei os segredos das portas ontem, como pode?). Uma folha de papel é passada pelo vão, foi arrancada do bloco que deixei sobre a pia da cozinha. Hesito em pegá-la, meu coração parece que vai rebentar. Respiro fundo, pego. É uma letra torta e miúda (letra de alguém cansado), está escrito: abra a porta. Outra batida, e mais um bilhete: os morcegos foram embora, abra a porta. Saber que partiram aumenta meu pavor. Quem está aí?, pergunto. Não há res-

posta. Corro à escrivaninha, pego umas folhas A4, escrevo: quem é você? Passo a folha por baixo da porta. Logo vem a resposta: alguém que veio te visitar. Sinto um aperto na altura dos rins, receio desmaiar. Escrevo noutra folha: vou ligar pra polícia. Não há telefone aqui, responde em letras menores que as anteriores. Por que não arromba a porta?, decido ousar. Não quero, responde. Vou gritar, escrevo. Se fizer isso, nunca mais terá paz, responde em letras grandes, maiúsculas. Pare, por favor, escrevo. Não, seu covarde! As letras da folha estão em vermelho úmido. É sangue. Vou à janela, grito por socorro. Imediatamente, começam a arranhá-la a porta (parecem dezenas de unhas). Escrevo desesperado: quem está aí? Ratos, é a resposta. Desta vez as letras do bilhete estão escritas com... não pode ser... O cheiro é insuportável. Sento na cadeira, começo a chorar. Fico escutando o arranhar na porta (sem intermitência) até o amanhecer. Quinze para as sete. O arranhar se interrompe. Espero uns minutos, abro a porta (evito olhar as marcas na madeira), entro na sala. Há pássaros mortos espalhados pelo chão. Meu coração dispara novamente, pego as chaves do automóvel (só penso em sair do prédio e nunca mais voltar), corro até a porta de entrada, abro-a. Há nove pessoas paradas em frente a mim, todas com chapéu de festa de criança. Uma delas, segurando uma torta enfeitada com glacê colorido, se aproxima e me diz: seja bem-vindo! E outra, mais atrás: espero que nosso trote de boas-vindas não tenha sido pesado demais. Todos gargalham. Sorrio. Passo por entre eles. Recebo tapinhas nos ombros, dizem para eu não me preocupar com a limpeza do

apartamento. Desço correndo os três lances de escada até a garagem. Abro o porta-malas do carro, pego a pistola e um pente extra de balas dundum, subo de elevador.



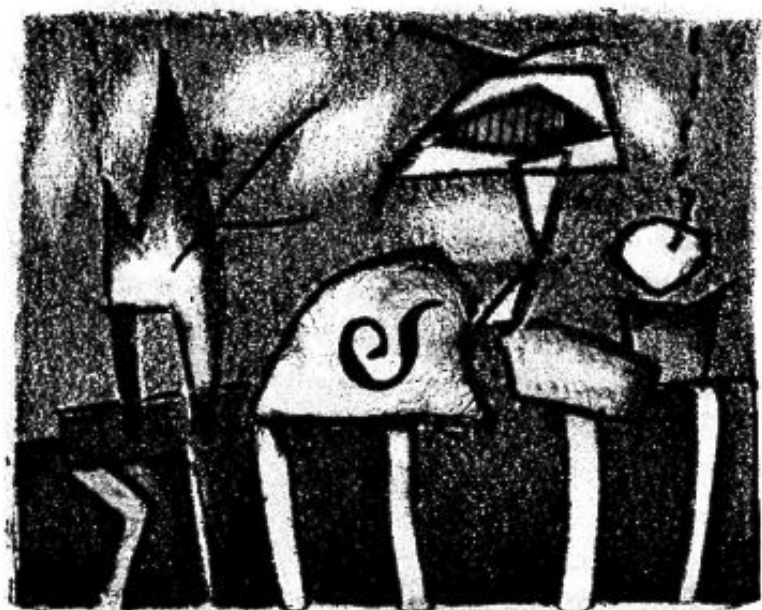
CD | FAIXA 6 - INSONIA POSTIÇA - MURILO BIFF

INSÔNIA POSTIÇA

Então, ele não conseguiu dormir (eu não consegui dormir) e, mais tarde, você o conheceu na festa do garagem hermética. Ele parecia bastante bêbado, tinha acabado de sair do banheiro com uma tal de Elisa (transaram de pé ou coisa pior; eu a conheço bem). Ele esgueirou-se rápido pelo corredor apertado, deixou a amiguinha pra trás. Você o aguardava no balcão, puxou conversa. Encarou-o (ele disse que gostava de mim). Ficaram ali bebendo até o fim do show da Père La Chaise. Depois, convidou-o para ir ao teu apartamento (eu sei escolher a hora certa). Ele achou tua sala um lixo. Perguntou se havia algum destilado pra beber. Você disse que havia uma garrafa de uísque no armário, mas que antes ele teria de te dar um soco na cara. Ele ruborizou. Você tirou a dentadura (tirei só para testá-lo, fiz isso com todos), botou-a sobre a mesa. Ele olhou pro lado, tentou disfarçar o constrangimento, disse trabalhar de frentista no Posto da Mostardeiro (eu disse que não tinha carro). Perguntou como você perdeu os dentes (eu disse que dentes são como

copos de meio quartilho, parecem resistentes sobre o balcão, mas se você os esquece no piso, alguém pode chutá-los sem querer). Aí você começou a se despir, encarando-o. Copo de que mesmo?, ele perguntou. Martelinho, seu burro, você respondeu e tirou as botas. Ele cruzou os braços e se escorou na parede. Só de calcinha, você se aproximou e o pegou no rosto com as duas mãos, beijou-o. Ele correspondeu. Você se afastou e despiu a calcinha. O olhar dele te acompanhou desatento, e disso você não gostou (joguei-lhe a calcinha na cara). Você se aproximou e ordenou: agora me bate na cara, seu putô! Foi automático (eu provoquei, ele estava bêbado). Você voou contra o sofá (nessas horas é bom não ter dentes). Atordoadada, sem perder tempo, levantou com um sorriso desmanchado no sangue que escorria do lábio superior. Ajeitou os seios (é um velho hábito meu), foi buscar copos com gelo e o tal uísque (quando voltei, ele estava dormindo no sofá). Apaixonaram-se. Passaram a se encontrar com frequência (quase todos os dias; trepávamos pra valer; ele se acostumou a me bater cada vez mais forte). Ficou difícil esconder as manchas, principalmente as do rosto. Num sábado, transaram e ele esqueceu de espancá-la (eu esqueci de pedir). No outro dia, enquanto tomavam café no Cave, contaste a ele que nunca tinha transado sem apanhar. Nunca mais ele te bateu. E teve aquele dia em que você o impediu de penetrá-la, e depois aqueles em que só pôde tocá-la com as pontas dos dedos no clitóris e no mamilo direlto (os dedos médios são instrumentos perfeitos). Você o condicionou a só tocá-la assim (ele aceitou). Você dizia que os dedos dele eram sopros de ar (ele caiu direitinho). Por fim, você só

permitia que a despisse e a olhasse (não o impedi de se masturbar). Então, você desapareceu. Passados dois meses, mandou um fax pro trabalho dele: "meu cravinho podado, não sabe a falta que sinto de você, precisei rever minha família, não me espere, ainda tenho coisas pra resolver aqui" (foi exatamente isso que escrevi). Será que ele já te esqueceu? (Com sinceridade, acho que sim). Bem, a sessão acabou, até o próximo encontro (que história é essa? por favor, não vá agora!). Você sabe que eu tenho de ir (não, não! Fala mais... me ajuda). Eu tenho de ir (por favor, não vá... não me deixa sozinha... não vá embora... sua desgraçada... desgraçada, traiçoeira, desgraçada!). Seus gritos ecoam pelos corredores. Atada à cama do quarto vinte e seis, ela pede a alguém que não vá embora. O enfermeiro passa, olha-a pelo visor, pensa em entrar no quarto, afrouxar as fivelas, contar uma história com final feliz, mas o modo como ela matou o próprio pai não recomenda. Fica parado, observando-a, não agüenta mais trabalhar naquele lugar.



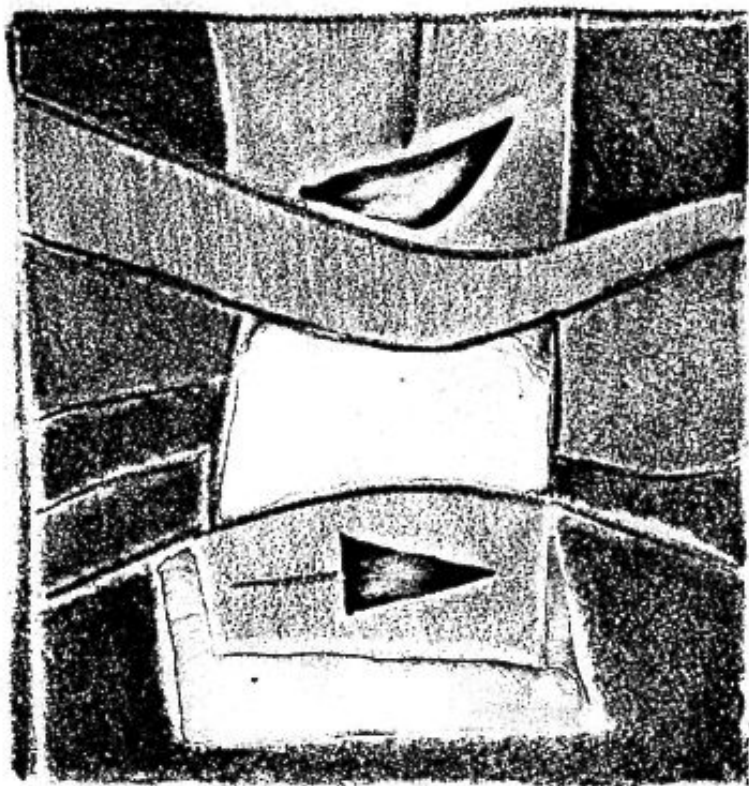
CD | FAIXA 7 - SAMBA ELETROACUSTICO N° 4 - EDUARDO RECK MIRANIM

GENTALHA

Eu fazia um favor de estar ali naquela maloca apertada. Atravessi o Arroio Dilúvio debaixo de chuva, molhei o casaco. As meias novas estavam comprometidas naquela palmilha toda encharcada. Quando cheguei, olhei a comida. Senti nojo. Não conseguia respirar e todos queriam aparecer: cafonas! A cerveja servida em copo plástico, os docinhos de leite condensado com confeitos coloridos por cima: porcaria! Estas festas na Azenha são merda barata mesmo. Ao menos, me apeteeceram as fatias de pizza de sardinha que restavam na bandeja prateada de papelão. Estava morto de fome e garotos elegantes como eu não sabem ficar com fome. Procurei me enturmar. Havia três bichas conversando próximo à mesa (duvido que alguma tivesse mais de cinco reais no bolso), perfumadas, base no rosto, calças de marca bem justas no corpo (ah, aquelas calças; era só um soco bem dado no queixo de cada um e poderia escolher qual delas quisesse). Sinceramente, procurei ser amigável. Afetei-me (isso todo homem pode fazer). Provei a pizza, nauseei. Aquilo

não era peixe, parecia frango estragado. Fui ao banheiro vomitar, senti vontade de quebrar tudo (a coisa mais fácil é acabar com festa de pobre!). Controlei-me, voltei pra sala. Um idiota, caindo de bêbado, só podia estar brincando: essa pizza tá uma maravilha! Saí de perto. Perguntei aos que estavam cuidando do som se não poderiam trocar aquele samba asqueroso. Riram de mim, não gostei. Mas aí, entrou na sala a irmã do dono da casa (a putinha estava completando quinze anos). Ajeitou os peitos e passou pela sala sem me olhar (foi como uma cuspidinha na cara, logo eu que estava ali por sua causa). Foi a gota d'água, gritei: ô cadela!, esqueceu quem tirou o teu cabaço? Tranquele-a no banheiro, tirei o canivete do bolso, saí degolando um por um. Os maiores eu esfaqueava mesmo. Comecei pela sala e fui até a garagem. Aquela gentinha chorava e corria como galinha. Depois de matar o último, fui catar coisa forte pra relaxar. Achei cola de sapateiro embaixo da pia da cozinha. Tirei a aniversariante do banheiro, desliguei o samba, sentei no sofá, liguei a televisão. Não dá pra ser educado! Botei o saco untado com cola na boca, enquanto ela tremendo agarrava meu pau. E quando eu já estava chapando, parei por instantes, deixei a cola de lado, alisei seu cabelo, baixe o som da televisão: *agora, pode assoprar a vela, meu bem!*





CD | FAIXA 8 - AMPULHETA - GUENTHER ANDREAS

SOPROS DE AMPULHETA

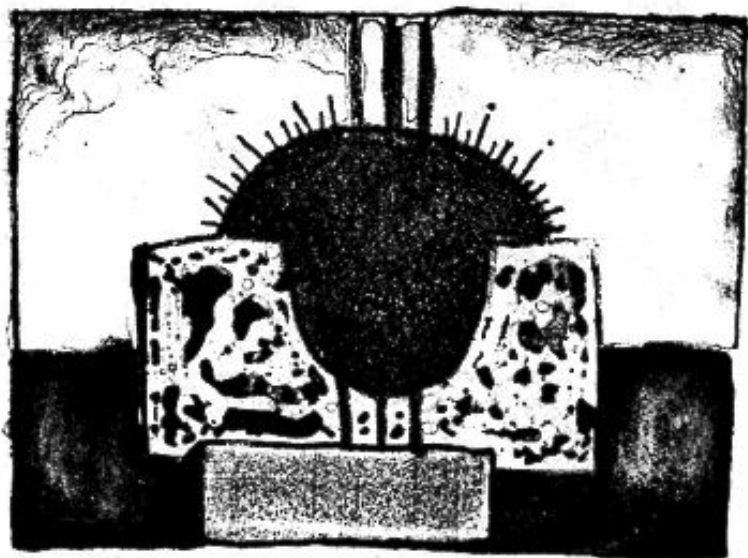
[dez] Dirige uns quilômetros, encosta. Uma rajada de vento atinge a lataria do carro, a água do mar chacoalha dentro da garrafa plástica. Sente que não conseguirá prosseguir. Outra rajada, e mais outra. Sente que não conseguirá esquecer. [nove] É noite. Sem redemoinhar, uma lufada brusca e contrária o atinge, cobrindo-o de areia (os grãos miúdos grudam na pele). Ele volta pro carro, manobra apressado, arranca em direção a Porto Alegre. [oito] Pronto!, ele a solta julgando-se infalível, viu? Não foi nenhum monstro de sete cabeças. Homem estúpido!, antes os monstros... vira-lhe as costas e se deixa levar pela ventania. Ele fica parado. É quase noite. Os contornos dela se desmancham na crescente escuridão (algo mais que distância a desfaz). Ele aguarda. Grita por ela. Aguarda. [sete] Pelo amor de Deus, o que tu vai fazer? Hoje, tu vai perder essa fobia boba. Como meu avô dizia, nada nesta vida é por acaso, ele pára o carro, sai. Ela tranca a porta por dentro. Ele destranca com o controle remoto, segura sua mão (estranha a aspereza): um dia vamos

rir disso tudo, conduzindo-a até quase a beira do mar. Tu não tem idéia do que está fazendo, ela resmunga sem resistir. [seis] Ele surge, limpando as mãos em lenços de papel, diz estar tudo resolvido, caminha até o carro, abre a porta, ela vem correndo, fica encolhida no banco do carona. Ele dirige até a praia, ela está de olhos cerrados (não percebe). Vou te contar um segredo, quando menino sentia um medo enorme do escuro; uma noite, estava na casa do meu avô e faltou luz, sabendo da fobia, ele aproveitou, pegou-me pela mão e me levou ao quintal, disse para eu respirar fundo que o medo passaria, e passou. Os olhos dela abrem, as pupilas quase reabtem a íris acinzentada. [cinco] Seis horas, ela desperta sem dar-se conta do quanto cochilou. O céu está nublado, o vento nordeste sopra com força. Vamos embora, diz aflita. Ele surge na porta: só mais quinze minutos. Maldita hora, ela se põe de pé, olha através da janela, maldita hora. [quatro] Perde mais tempo do que pensou, uma das peças não está encaixando. São exatamente quatro e trinta e dois. Ela aguarda na recepção. Ele aparece na porta, pergunta se ela não prefere sair, aproveitar o resto de sol. Está começando a ventar, é a única resposta que recebe. [três] Chegam à praia (não há uma brisa sequer), ele estaciona em frente ao mar e a lembra. Ela boceja, abre a porta e sai, caminha até à beira. Ele vai ao seu encontro, convida-a para molhar os pés, ela recusa. Caminham em direção ao norte. Ela toma a dianteira, pára sobre uma pequena duna, há uma garrafa de água mineral enterrada ali, pede-lhe para enchê-la até a metade com água do mar, quero levar de lembrança. Ele atende o pedido. De volta ao carro, ela ajelta a garrafa atrás do

banco do motorista. [dois] Ele diz que pesquisa as variações cólicas no litoral, ela diz ter nascido no litoral. Ele pergunta como alguém pode ficar meia hora de pé numa livraria, olhando a mesma página dum levantamento fotográfico sobre a ação das ventanias no hemisfério... Medo, ela o interrompe. Como? Medo, pavor... Nos dias de ventania não suporto sequer olhar pela janela... o balançar dos galhos, as rajadas contra portas e paredes me aterrorizam. O sinal fecha, ele freia: pode parecer loucura o que vou propor, mas, nesse exato momento, estou indo até o litoral trocar as peças dum gerador gráfico que fundiu... o dia está lindo, não irá ventar... gostaria muito que tu vlesse comigo. Estaremos de volta antes das quatro. Não posso... apesar da saudade que sinto do mar, é arriscado, ela responde. Não ventará, garanto. Ela pensa... concorda, pede pra ele ligar o ar-condicionado e não descer os vidros enquanto o carro estiver em movimento. Seus olhos acinzentados contrastam com a luminosidade do dia e logo se fecham para dormir. Não trocam palavras durante a viagem. [um] Sai de carro pela Lima e Silva, ela está na parada de ônibus, oferece carona, ela aceita. [meio-dia] Entra na livraria, pergunta à atendente sobre o álbum que encomendou. É o que está com a moça ali de pé, ela responde sem desviar os olhos da tela do computador. Ele escolhe um catálogo qualquer no balcão, folheia. Os minutos passam, ela continua lá: no mesmo lugar, com aquela expressão de agonia no rosto. Meia hora de espera. Sem constrangimento, passa a observá-la. Vestido de seda cor da pele, sandálias rasas de tiras verdes, tão irregulares e delicadas que parecem tatuadas ao redor dos tornozelos. Enfim, à mercê do

próprio abandono (ele pondera consigo mesmo). Ela fecha o álbum abruptamente, assustando-o, vem em sua direção, e, sem lhe dirigir o olhar, bem próxima, surpreende-o: não acredito que uma pessoa espere todo esse tempo por algo que poderá não sair mais das mãos da outra, estende-lhe o álbum, ele segura com as duas mãos. E se eu tivesse comprado?, ela pergunta e lhe vira as costas. Teria valido a pena do mesmo jeito, responde meio embolado. Então, espero que faça bom uso, ela abre a porta e se vai.





CD | FAIXA 9 - AINDA ORANGOTANGOS - FLU

AINDA ORANGOTANGOS

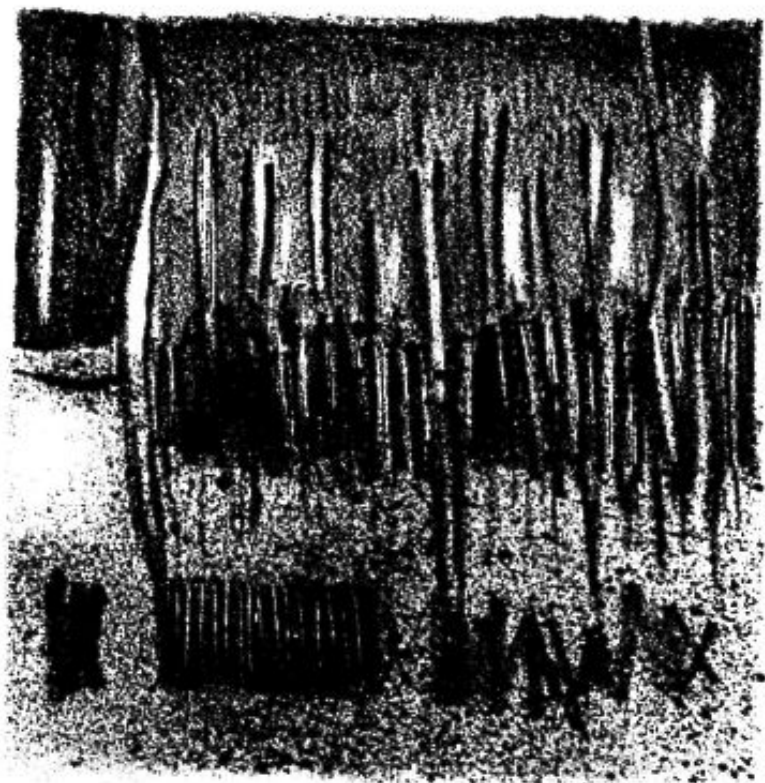
Trinta e quatro de agosto. O ventilador roda insistente. Ele acorda gélido, acaricia o que sobrou da namorada sob o lençol. Sua bexiga arde de frio. Sai da cama, o pé direito bate na xícara, o pó se espalha. Quarenta mil. Tenta recolher, desiste. Os pregos sob a pele do braço direito incomodam, ao redor deles há hematomas quase pretos. Foi estupidez brigar com o pai dela, socá-lo daquele jeito. Saudade! O que o merda entende de saudade? Segura a glândula, abre os curativos, pega a pomada, espalha sobre as feridas, fecha com a mesma gaze. Vai até à cozinha. Droga! O vizinho começa a tocar o Paulinho da Viola de sempre. Abre a geladeira, os pães de forma (sacos e sacos da mesma marca) aguardam os fungos se multiplicarem. Estão quase prontos, pensa. Pega três ovos, duas maçãs, a urina fervida da ex, põe no liquidificador. Bate. A mão desliza até o controle remoto. Pronto! O som explode nas oito caixas espalhadas pela cozinha, acaba com o Paulinho da Viola. Desliga o liquidificador, côa, usa o caldo para regar as violetas. Vai ao ba-

nheiro. É forte o cheiro de queimado. A pele (não se sabe de quem) aguarda sob a água morna do chuveiro, os olhos dela miram-no pedindo paz. Ele prossegue, ajoelha-se para tomá-la e vesti-la. A pele está apertada, ele fica aos berros dentro dela. Ninguém ouvirá. A pele não sabe quem realmente é, apenas que novamente há gritos intermináveis dentro dela (não há nome viável para esses dois juntos). Escolhem roupas boas, caminham até a porta de entrada. Está sempre aberta (ninguém ousa passar). No cabide, uma bolsa de mulher, eles a pegam tiram de dentro um óculo escuro. Saem (sem tocar nos presentes de casamento). É curioso, é como mover-se dentro duma geléia de laranja. Descem as escadas, caminham pela Bento Gonçalves, encontram o menino na esquina da Guilherme Alves, sobem a lomba. Chegam em frente à casa antiga. Empurram o portão de ferro, mandam o rapaz esperar, ajeitam o cabelo e a camisa de seda, tiram o óculo, tocam a campainha. A filha da empregada abre. Cadê o pai?, perguntam. Ela não responde. Atravessam o corredor escuro, os tacos do parquê estão soltos, e a tinta verde-água mofada nas paredes. O velho está sentado na mesa de jantar, lê o jornal do dia. Cumprimentam-se. Faríamos cinquenta e cinco anos hoje, dizem com prudência. Quem faria cinquenta e cinco anos hoje?, o velho pergunta e ri. Eu... e a mamãe... quero dizer... se ainda estivesse viva. Não mencione o nome dela, o pai ameaça esbofeteá-lo. A cumulação de olhos aguarda o tapa que não vem. Estou com fome... é meu aniversário. O velho ri, manda a empregada pôr mais um prato na mesa e avisa: hoje, tua filha não comerá. A empregada concorda. A comida é servida (está envenenada como

sempre, dizimou a família inteira, mas o velho está custando, e ainda há este tipo, que aparece uma vez por ano se fazendo passar por filho, também). O pai almoça rápido e se retira, vai sestar. No meio do corredor arrotam alto. Eles olham a empregada, arrancam a comida dela com destreza criminosa, ela ainda tem tempo de cuspir no frango. Eles viram o prato dela no seu. Ela se levanta. Eles pedem cerveja: toda que houver, é meu aniversário! Ela traz meio engradado e sai. Eles bebem toda a cerveja, assistem a sessão da tarde inteira (riem, choram), que festa! A cerveja acaba, hora de ir. No meio do corredor arrotam. Param em frente à última porta, à direita antes da sala, batem: licença pai. É dinheiro, aposto que é, diz o velho deitado sob duas mantas térmicas, mas antes vou te dar um conselho... na vida, o segredo é suar. Sim, suor, eles respondem querendo agradar. O velho pega a carteira, cinco notas de vinte. Despedem-se. Na sala, eles ainda tentam violar a filha da empregada, mas a menina está armada e lhe espeta uma tesoura na altura da bexiga, mantendo-a em punho, abre a porta, eles saem. O menino os aguarda: conseguiu, pai? Não tem idéia de como foi difícil, respondem, esforçando-se para não cambalear. Conseguiu? Não, esse velho não presta, conversamos até agora, eu disse pra ele que se não tivesse os vinte e cinco, ao menos me desse quinze ou dez, mas nem isso. Desalmado! O menino se desespera: então, meu filho vai morrer. Não!, neto meu jamais ficará desamparado... Quanto tu tem aí? Dois, o menino responde e o encara esperançoso. É suficiente, tomam o dinheiro dele, irei ao Centro fazer um empréstimo, darei um rim meu como garantia, a financeira não pode recusar.

Pai, muito obrigado, o menino chora. Descem a Guilherme Alves, o menino enxuga as lágrimas na manga da camiseta, eles aproveitam a distração para ajeitar as duas notas junto ao resto do dinheiro no bolso da camisa. Na esquina, botam o óculo escuro, dizem ao menino que vá pra casa e dê bastante água ao bebê: é a melhor coisa pra febre e inclusive pros rins. Tomam o ônibus, observam o menino de longe, descem duas paradas depois, sem pagar: está indo pra rodoviária?, eu preciso ir até a Salgado Filho... pode abrir, por favor? Entram no prédio, sobem as escadas, entram no apartamento. Ele grita com toda a força dentro da pele. Ela rasga. Ele a despe, vai ao banheiro, liga o chuveiro, espera a água amornar. Deixa a pele ali no Box, ela o encara pedindo paz. Ele ri (tem medo de si mesmo, é verdade). O cheiro de queimado volta, ele tranca a porta. Vai à cozinha, enfia o cateter na bexiga, urina no panelão de alumínio (a melhor coisa do dia), põe pra ferver. Senta no sofá, conta o dinheiro, abre os curativos. Ouve barulho na entrada, alguém se arrasta. Que idiota ousaria? A luz do corredor reflete na parede uma sombra lenta, pela altura... um bebê.



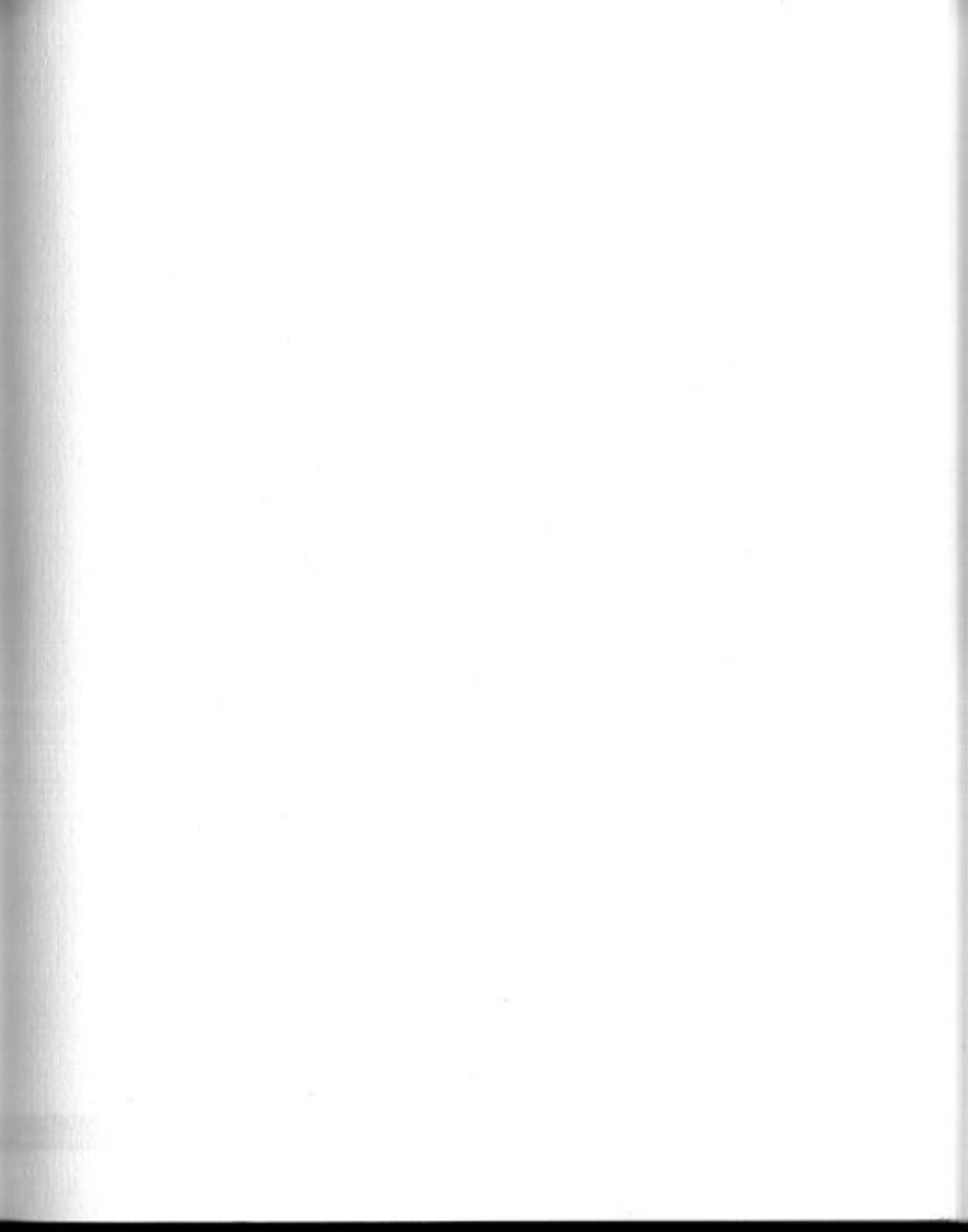


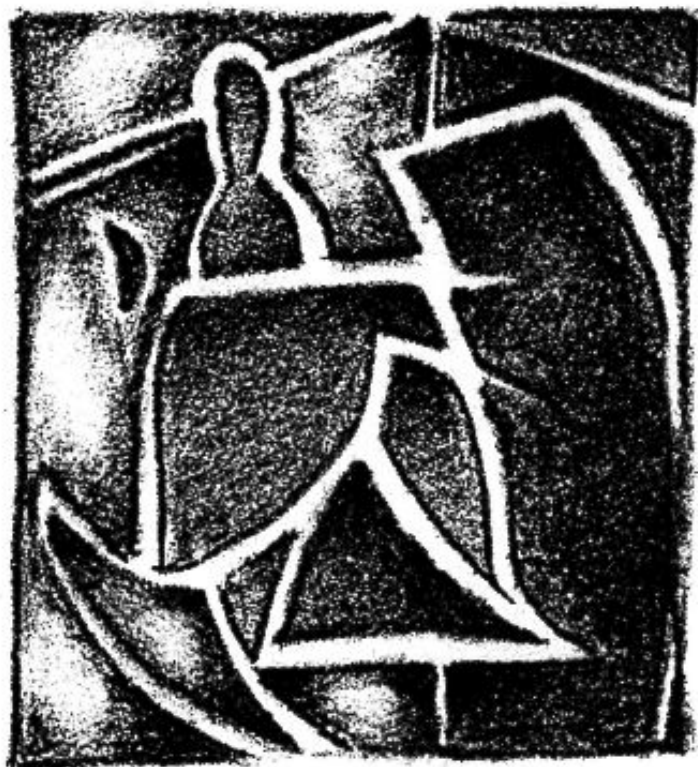
CD | FAIXA 10 - SE HÁ FANTASMAS NO PARQUE - 4:11

SE HÁ FANTASMAS NO PARQUE

...cha louca! Acordo. O que está acontecendo? O *bedächtigt* da sinfonia número quatro de Mahler começa, é a confirmação: devo mesmo estar louco. Esfrego os olhos. A cerração é forte. O grito se repete. Identifico o vermelho da lanterna de freio, a porta da pick-up se abre. Sai um desses cachorros piti alguma coisa, corre em direção ao rapazote de peruca e saia. Salta com a mandíbula aberta direto na canela, abocanhando-a. Agora eu quero ver se carne de veado é macia, diz o que estava na direção. Os outros três riem. Hienas!, tento gritar. Minha voz afônica sai imperceptível. O rapaz dá uma bolsada na cabeça do animal. A alça rebenta, as quinquilharias se espalham. Ele tira uma lâmina de barbear da boca, dobra-se, segura os testículos do cachorro e num movimento preciso arranca-os fora. O animal o solta e, ganindo de dor, corre de volta pro automóvel. O que tu fez com o Gari, seu puto? Ele passa a echarpe rosa ao redor da canela, amarra. Põe-se de pé imediatamente. Eles o cercam. Tento me levantar. Não consigo. Esfrego os olhos. Ele

gira, encarando-os. Pega a caneta plástica que segurava o coque da peruca, afirma-a na mão direita e começa a gritar: sou borboleta, viu? Borboleta! Borboleta! Salta sobre o mais próximo, fura-lhe o olho esquerdo e veloz agarra o que estava ao lado pelo pescoço, espetando-lhe várias vezes na altura da sobrelanceira até acertar o olho. O sangue jorra, contrasta com a luminosidade da cerração. Vira-se com ferocidade e encontra o terceiro. Vamos, deita no chão, puta!, vamos que eu não tenho a noite toda, limpando a ponta da caneta na saia. Desculpa, cara! Desculpa. A súplica não adianta. Deita-o no chão com paciência, imobiliza-o com as pernas e esfola sua testa — parece estar desenhando algo. Levanta. Chuta-o três vezes na cabeça e recomeça freneticamente: sou borboleta, viu?, e sei ferroar! Fica ali, por minutos, dizendo ser borboleta. Viaturas da brigada chegam. Ele corre em direção ao espelho d'água. Um dos garotos mostrando o olho furado grita: atirem nele, atirem nele! Um dos policiais atira. A bala acerta-o na cabeça. Ele tomba de frente. A cerração amaina um pouco. Daqui, consigo ver o corpo esticado. Remexo os meus trapos, pego a cachaça guardada pra beber amanhã. Emborco a garrafa até secar. A ambulância chega, e em seguida o veículo do IML. Levam o corpo, levam os feridos. Não me percebem e se vão. A sinfonia do Mahler continua (às vezes é como num disco arranhado: a agulha tranca). Devo mesmo estar louco, mas já me acostumei.





CD | FAIXA 11 - KYRIE - EDUARDO RECK MIRANDA

NADA EM CIMA DO INVISÍVEL

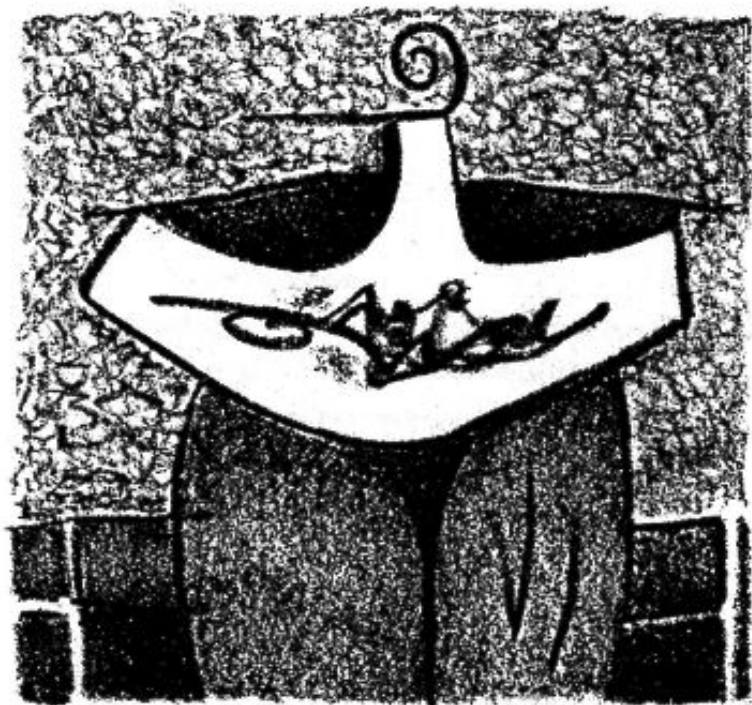
"(...) um dia a ilação deu origem a duas figuras iguais: (...) Ambos eram Andejo (...) vivia de pequenos malabarismos mentais (...)"

LUIZ SÉRGIO METZ, *Almas arrabaleiras*

Muito prazer, serel duas personagens desobedientes. Permaneça de joelhos, com a ponta da língua encostada na parede e não tire a venda dos olhos. Não!, não fazemos parte da história. Agora, silêncio, língua na parede, vou começar: Perdida, escapel perdida, mas quando ela rebobinou meus olhos, ah, deles gotejaram todos os controles viáveis, e do corpo minhas mãos reboaram até rasgarem dos pulsos, negando-me, voando à frente, arrastando caudas de sangue pelas fraturas – aqui, fui os pensamentos da primeira, a tatuada com feições de menino. Seus braços tremulam, envolvem-me pela cintura, os tocos roçam, ela põe a cabeça cega sobre meu ombro esquerdo... estamos em frente a uma

vitrina, espelhadas, lúgubres... por de trás dos nossos reflexos, vejo as luzes da avenida sossegando... meus dedos deslizam sobre o avental cirúrgico, ignorando a saliência das letras H S P bordadas em vermelho (esses dedos inúteis, que fossem cruéis como os dos médicos e me estancassem a diabrura, impedindo-me de precipitar a cada segundo num desses sonhos irrecusáveis que estalam dentro de mim como mola de ratoeira)... não sei ao certo se é domingo... parece domingo... estamos descalças sobre os ladrilhos mornos da João Pessoa, presas nestas carcaças bêbadas de sono. Tenho medo! Ah, se um desses qualquer nos empurrasse pro céu, tapando-nos as narinas e o cansaço da goela seca – agora, fui os pensamentos da segunda, a frágil de cabelo rapado e olhos de boneca. As mãos da tatuada voam dêbeis aos rasantes, dedilhando, dedilhando, na brisa suja da calçada. Não vou negar, assustam-me. Sua boca se abre, o queixo equilibra a mandíbula e esta, mastigando, fala: não sei direito o que sou. Você falou?, sussurra a olhos de boneca. Falei. Não devia, é inumano... além do que, éramos quase uma da outra. Ficam em silêncio. Olhos de boneca se acalma: hoje é domingo, não é? Sabe? No entardecer de um domingo foi quando comecei a me sentir só. Num domingo, um médico entrou no meu quarto. Fiz tudo o que mandou. Depois ele espalhou que eu estava irrecuperável. Tenho tentado impedi-lo. Mas, sempre entra e eu sempre faço o que manda, diz a tatuada. Ninguém mandará em mim! Ninguém!, olhos de boneca grita, a tatuada a segura com força, ela se agita, grita: deixa que meu olhar escape pra escuridão do parque às nossas costas. Não, eu

tenho escuridão pros teus olhos. Por favor, habita-me! As mãos levitam próximas aos pés, parecem boiar, domesticadas. Oh! Crianças nos assistem, diz a olhos de boneca. Não diga, serão como nós? Acho que não, parecem sãs; sinto que alguém um dia as devorará. Talvez até alguém como nós. As crianças fogem. As duas riem (ínfimas na vingança) até que a olhos de boneca diz, tenho de confessar, sou aquela velha mendiga gritando ali adiante na calçada. Escuto-a bem, sou o vento, responde a tatuada. Empurra ela, empurra-me, ordena a olhos de boneca. Não peça isso. Ficaremos aqui pra sempre, uma da outra, e sempre haverá crianças para nós. Não minta que isso é possível, diz a olhos de boneca. Mas, é, sussurra a tatuada. Então, exijo tua boca sorrindo pra mim. As mãos, que boiavam, ascendem, pousando sobre o ombro da olhos de boneca, o sangue escorre as caudas pelo avental. No instante seguinte, alçam vôo. Empurrem-nas, malditas!, grita a velha na calçada ali adiante. Cada uma das mãos faz um círculo longo (cada uma o seu) e retornam rápidas, certeiras, contra as narinas, apertando-as, enquanto as palmas se encarregam das bocas, sufocando-as. A tatuada segura ainda mais forte a outra, que se entrega e fecha os olhos de boneca. Agora, não se escuta grito algum. A brisa pára. Nem a velha está mais lá. Esticam-se os lábios, as bochechas salientam. A tatuada tenta sorrir. Sem resistência, olhos de boneca se vai.



CD | FAIXA 12 - THE STEREO HEAD PHONE - MORRIS RITT

FUNNY VALENTINE

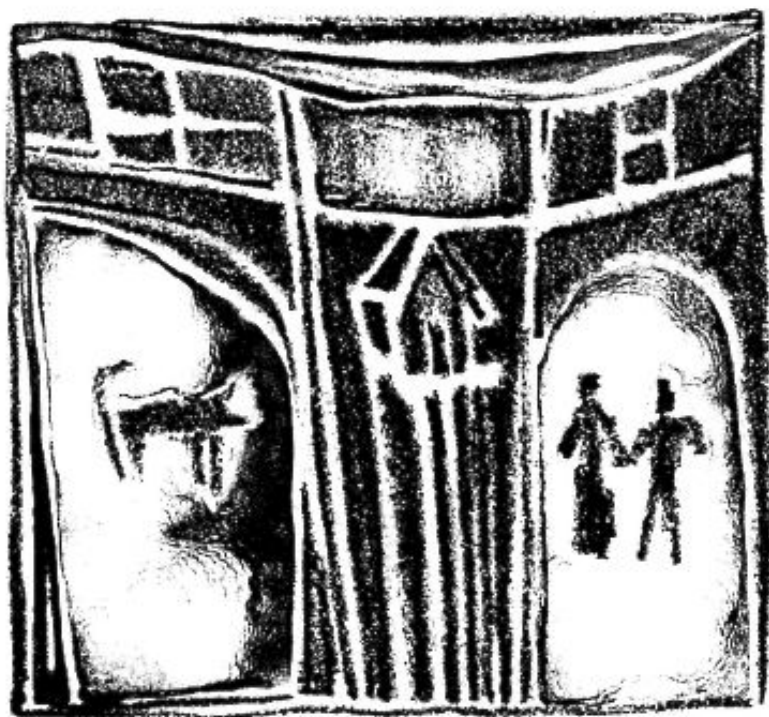
O táxi rodou por toda cidade. O motorista já me olhava com cara abusada, insinuando-se com piadinhas sem graça. Esperei o cigarro terminar. Pedi que encostasse na esquina do bar Ocidente. Ali ficamos por mais cinco minutos. Ele se virou, tentou puxar conversa, pedi que se calasse, passei batom na boca, paguei a corrida. Ele gaguejou um boa noite. Bati a porta com força. Era uma quarta-feira fria. Dia dos namorados. Fiquei parada em frente à bilheteria, perguntei quem estava tocando. O porteiro me respondeu: Frank Jorge e Júlio Reny. Entrei. Fiquei encostada no balcão, sozinha, bebendo um gim-tônica (meio descarada pra uma velha de cinquenta e seis anos, pensei). Os músicos começaram a tocar, pedi outro drinque. Na nona ou décima música, um garoto alto, magricelo, cabelo raspado, chamou minha atenção. Vestia uma japona preta, fechada até o pescoço, andava de um lado pro outro, olhando pro chão, encarando as pessoas. Por vezes, parava, acendia um cigarro, dava umas tragadas (tentava se concentrar no show), mas voltava a

andar de um lado pro outro. Aquilo me deixou nervosa, a ponto de esquecer o resto. De repente, ele saiu. Agitei-me, terminei a bebida num gole, desci as escadas. Segui-o pela Osvaldo Aranha. Caía um chuvisqueiro gélido. Devia ser uma da manhã. Três garotos magrinhos andaram uns metros ao meu lado, ofereceram-me maconha, crack, sei lá. Recusei (disse que gritaria se insistissem). Desistiram, mas não escapei do xingamento — chamaram-me de tia bundona! Apressel o passo. Ele dobrou na Fernandes Vieira. Dobrei também. No meio da quadra entre a Vasco e a Independência, ele parou, tirou um papelote do bolso (a carteira dele caiu), abriu-o, passou várias vezes a ponta do indicador sobre o que quer estivesse ali guardado e depois enfiou no nariz, mexendo o dedo freneticamente de um lado pro outro. Aquilo me repugnou. Ele repetiu o gesto outras duas vezes e seguiu em frente, sacudindo os braços, alongando o pescoço. Aproximei-me da carteira, peguei-a. Voltei pra casa. Olhei a identidade. Marcelo era seu nome. Havia também a foto de uma menina com cara de modelo, uma nota de dois reais, uma palheta de guitarra e um cartão de visita com o nome de uma mulher, endereço e telefone de Erechim. Sua identidade ficou sobre o criado-mudo por quase uma semana. Na terça-feira seguinte, quando passel em casa pra almoçar e pegar uns documentos, num impulso, peguei o cartão de visita e liguei pra Erechim. Uma senhora atendeu, menti ser amiga do Marcelo. Muito prazer! Eu sou a mãe dele..., e em seguida me perguntou: diz minha filha, tu é namorada dele? Sou, odiei-me por isso. Ficamos conversando, ela disse que não recebia notícias há muito tempo, perguntou se ele estava bem,

se estava freqüentando as aulas da faculdade, se já havia me contado que abandonara a cidade, há dois anos atrás, no dia do enterro do pai, e nunca mais voltara. Respondi que não. Ela me contou muitas coisas — o tom da sua voz foi mudando, ficando triste. Olhei as horas (quase duas), lamentei ter de desligar. Despedimo-nos. Ela disse: podes ligar quando quiser, sou sozinha e estou com muita saudade do Marcelo. Garanti que iria. Acabei ligando quase todos dias, por três semanas — ficamos amigas. Eu inventava coisas sobre seu filho; prometi fazê-lo ligar. Num domingo (nunca a procurara num domingo), liguei no meio da tarde. Ela custou a atender. Pedi desculpas por incomodá-la. Ela foi cordial. Conversamos por horas (acostumei-me às mentiras). Antes de desligar, perguntou-me quando Marcelo iria telefonar. Desconversei. Ela me interrompeu, disse estar aborrecida por se sentir só. Ficamos em silêncio por alguns instantes. Desejei-lhe um bom final de domingo e desliguei. Mais tarde, aí pelas oito da noite, tocaram no porteiro-eletrônico, disseram ser da polícia. Desci. Eram dois. Pedi que entrassem. O mais velho foi direto ao assunto: olha dona... sei que a Senhora deve estar se divertindo, mas essa sua brincadeira está indo longe demais. Que brincadeira?, perguntei medrosa. A Senhora sabe, essas suas ligações pra mãe do rapaz... são um desrespeito! Ela é uma viúva sozinha. Acho bom parar com isso, senão a gente vai ter de prendê-la. Entendeu? Prendê-la! Como assim?, desafiando-o. Ele não gostou, pegou-me pelo queixo: olha aqui, não te faz de santa... não abusa da gente, sua maluca de merda. A polícia tem aparelhos, sabia? É fácil rastrear qualquer ligação, tirou um recorte de jornal

do bolso do casaco e estendeu o braço para eu pegar. Irritado, mandou eu abrir a porta e saiu. O outro, ao passar por mim, disse: é sério, acho bom parar com isso. Entrei no apartamento tremendo. Botei uma água pra esquentar — precisava com urgência de um chá. Sentei no sofá da sala, olhei o tal recorte. Era uma reportagem policial, do dia seguinte ao daquela madrugada. Dizia alguma coisa como: jovem, ainda não identificado, encontrado morto na Avenida Independência, próximo da esquina com a Felipe Camarão, vestindo cueca e camiseta, vítima de ataque cardíaco. No canto direito da matéria, estamparam a foto do rosto morto. As pessoas em Erechim devem tê-lo reconhecido. Deixei o papel de jornal escorregar dos meus dedos. Apaguei a luz do abajur. A chaleira apitava miúdo. As lágrimas vieram. Fiquei ali no escuro. Senti-me só, muito só.





CD | FAIXA 13 - FROM ELETROACÚSTIC #2 - EDUARDO RECK MIRANDA

RASCUNHOS DO DIABO

Éramos uma dessas famílias miseráveis da parte sul do Estado, eu, o filho mais velho, ele, o mais novo. Entre nós, outros cinco finados logo depois de nascer (minha mãe era fraca, o inverno prevalecia). A repetição daquelas mortes consolidou em mim o pavor de viver ali. Vez ou outra, eu escutava: são amaldiçoados. No parto do sexto irmão, assim que anunciaram ser um menino, larguei a mão do meu pai e entrei correndo no quarto, pedindo para nos deixarem brincar antes que morresse. Alguém me agarrou, debati-me em vão. Sequer pude ver seu rosto vivo. Na tarde do dia seguinte o enterraram. Ela não quis sair da cama. Olhei-a de relance, antes de me juntar aos outros. Culpei-a por não reagir, deveria estar acostumada. Os meses passaram, a sétima gravidez apanhou-nos de surpresa, completou-se no verão. O dia do parto se foi inteiro. No segundo, deixaram-me entrar no quarto: ele mamava quieto. Aproximei-me, pedi que ficasse. Um dia, ela o botou em meus braços, segurei-o com força, senti vontade de fugir dali. Com os anos, minha repulsa por aquele lugar piorou. Numa madrugada

fria de outono, acordei antes de todos. Os pensamentos rodavam na minha cabeça, não consegui controlá-los. Saltei da cama, acendi o lampião, fui olhá-lo, encontrei-o destapado, todo encolhido de frio, achei-o grande demais para quatro anos. Peguei suas roupas e o vesti. Saímos pela escuridão. Quando despertou por completo já estávamos na estrada, caminhando sobre a geada. Era minha quarta tentativa de fuga. A claridade da manhã nem havia firmado, cruzou por nós um vizinho, o mesmo que me achou das outras vezes. O desgraçado era um desses religiosos austeros (com os outros, sobretudo), estava acompanhado da mulher grávida e nos reconheceu, parou a charrete, tentei correr, mas ele me alcançou, sacudiu-me com força, chamou-me de desmiolado, deu-me uns tapas na cabeça, disse que não adiantava eu fugir, sempre te encontrarei, enfatizou, apertando-me o braço. Levou-nos pra casa. O pequeno foi sentado no colo da mulher, observando o balanço dos arreios. Meu pai havia saído à nossa procura, minha mãe aguardava na porta. Puseram-me de castigo. Sosseguei por uns tempos. Mas, no ano em que completei dezesseis, fugi pra Porto Alegre, e aqui arrumei emprego no comércio, conheci os sujeitos certos, progredi até me tornar calxeiro viajante. Foram anos de sorte, os únicos da minha vida. Fiz dinheiro, comprei um carro e este apartamento de segundo andar, com frente para a João Pessoa. Depois... não sei, tudo começou a dar errado, peguei gosto pela bebida, as besteiras e falhas tornaram-se rotina. Perdi o emprego, fiquei à toa, vivendo das economias. Numa tarde, bebia escorado no balcão dum botequim da José do Patrocínio, quando um louco entrou gritando demônio e atirou nas minhas costas. Disseram que estava vestido de

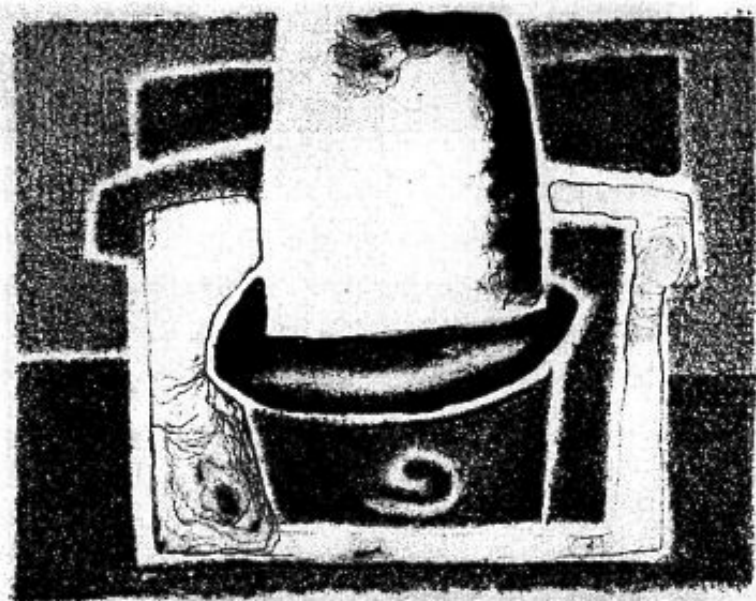
padre. A bala ficou alojada na espinha. Hoje em dia, pra sair da cama só com ajuda dum enfermeiro que mal consigo pagar e, exceto pelas terças-feiras quando passelo afivelado à cadeira-de-roda, minha distração se resume a escutar os sons da avenida: a voz esganiçada da mendiga que dorme na soleira da loja de roupas usadas, a euforia dos michês da Bonifácio no futebolzinho das noites de pouco movimento, a briga de casais bêbados nas madrugadas dos fins de semana. Por vezes, fico tão obcecado em identificar os sons que a atenção despendida me exaure. Nesta noite, porém, o que desde cedo me chamou a atenção foi o silêncio incômodo, que notei depois das oito, após o enfermeiro sair, e que me inquietou até por volta das onze, quando Lídia entrou no meu apartamento. Ela chegou com uma sacola de supermercado cheia de latas de cerveja, cumprimentou-me da sala, pôs as bebidas no congelador e falou durante uns vinte minutos no celular. Quando desligou, pegou uma lata e veio se sentar na frente da cama, encarando-me, sem dizer uma palavra. Ficamos assim por quase meia-hora (já não tinha palpite sobre o que pudesse estar pensando). Quando terminou a bebida, levantou-se, esticou o vestido justo e transparente, os seios balançaram firmes (um dia me apareceu bêbada e os esfregou no meu rosto, ensaiei uns beijos, umas lambidas, foi só), virou-se e, de costas pra mim, ajeitando com as pontas dos dedos as alças da calcinha (não sei o que ganha com isso, deve ser alguma tara: perder tempo se exibindo pra um velho tetraplégico), comentou entusiasmada estar indo a uma festa só de meninas. Acariciou-me o rosto, disse desconhecer homem com esse meu olhar. Respondi que não sou homem há muitos anos. Ela sorriu, beijou-me na testa como

faz habitualmente e saiu. Esqueceu o celular sobre o criado-mudo (não sei como deixei isso acontecer... ela é só mais uma dos que entram e saem do meu apartamento a hora que querem, dei cópias da chave pra metade do prédio, e agora é isso: aparecem no meio da madrugada, trazem bebidas, lêem-me coisas, descongelam comida, choram... é o rodízio insano da solidão... eu os escuto, eles gostam). Depois que Lídia saiu, concentrei-me nos sons da avenida e nos silêncios. Tudo me pareceu ter voltado ao normal. No entanto, aí pela uma da manhã, os cachorros do Templo Positivista se agitaram, ganiram alto, histéricos, e silenciaram. Em seguida escutei um uivo longo, veio de dentro do parque, aguardei-o se repetir, mas não aconteceu. Passaram-se uns minutos, alguém tocou a campainha do meu apartamento. A chave rodou com dificuldade, a porta se abriu, bateu estrondosa contra o móvel do hall. Uma voz arrastada me perguntou onde escondo o saca-rolha. Era Frederico, mandei-o procurar na gaveta dos talheres. Logo disse ter achado, e veio até o quarto, segurando uma garrafa de vinho. Propôs um brinde à lua-cheia. Movi a cabeça com dificuldade, tentando olhar através da janela à procura da Lua, mas só havia o escuro azulado da noite. Enquanto ajeitava meu pescoço no travesseiro, um cão acinzentado e enorme saltou pra dentro do quarto, olhou-me rapidamente e avançou contra a cabeça de Frederico, tomando-a inteira, levando-o ao piso, sacudindo o corpo até matá-lo. Entrei em choque. O cão arrastou o cadáver até a cozinha e voltou: seu pêlo estava ensangüentado. Caminhou sobre mim, pôs as patas sobre meu peito e quase encostou o focinho no meu rosto. Não sei o que ele faria naquele momento se o celular sobre o criado-mudo não

tivesse tocado, fazendo-o recuar e ir se deitar aos meus pés, olhando em direção à porta. Após uns minutos, achei que dormisse, mas se mexeu e rosnou, virei o rosto, olhei a foto antiga emoldurada sobre a cômoda: meu pai sentado numa cadeira, segurando-me, minha mãe ao lado, com ar de quem esconde um segredo... Tiro os olhos da fotografia, observo os detalhes de gesso do teto. De súbito, alguém mexe na fechadura, o cão fica de pé, o pêlo eriça, a porta abre. Ouço um tiro (um tiro igual ao que tomei). O animal balança, com metade da cabeça estourada, e cai sobre mim. Quem disparou se aproxima, é Lídia (está com o mesmo vestido transparente). Arrasta o corpo do animal até a sala, diz a si mesma que ainda não morreu. Usa a fechadura interna, tranca a porta do apartamento, vai até a cozinha (passa, com indiferença, por cima do cadáver de Frederico), volta segurando uma faca de cortar carne. Senta em frente à cama, diz que precisará da bala de prata das minhas costas. Pergunto como ela sabe da bala. Sem dar resposta, ela me põe de bruços, digo que não posso ficar assim por muito tempo. Ela age com rapidez, desvira-me. Pergunto o que fez. Lídia me mostra a bala entre os dedos ensangüentados, em seguida, vai até à sala e a introduz no corpo do animal, cobrindo-o com um pano negro. Levanta, pega uma cerveja na geladeira, abre. Os outros vizinhos começam a bater na porta. Alguém berra, ameaçando chamar a polícia. Ela me olha e diz que não conseguirão entrar antes do amanhecer. Dá uns goles na bebida. Pergunto se as minhas costas estão sangrando muito, ela responde que sim. Observo o teto, escuto a avenida. Os vizinhos batem na porta ainda com mais força. Ela pega o celular sobre o criado-mudo, liga pra alguém, chama-o de pai, diz que o

trabalho está feito e desliga. Encarando-me com tristeza, diz que morreremos os dois esta noite. O que foi isso tudo?, pergunto. Anos atrás, esse lobo matou minha mãe, estraçalhou-a de tal forma que tiveram de carregá-la em sacos plásticos, ela responde. Digo que está enganada, aquilo não era um lobo. Ela balança a cabeça, vocês da cidade não sabem de nada mesmo. Penso em levar adiante os questionamentos, mas me sinto fraco, apenas a escuto. O homem que atirou nas tuas costas é meu pai..., prossegue, era aquele que te encontrava cada vez que tu escapavas de casa quando pequeno... dizia a todos que tu e teu irmão eram os rascunhos do diabo, que nos trariam desgraça... e, sem dúvida, foi exatamente isso que teu irmão trouxe... pobre amaldiçoado, sempre quieto, com aquele olhar perdido... não era má pessoa... mas o lobo... o lobo era o próprio diabo. Nem termina de falar, põe a cerveja de lado, tira da bolsa um frasco de vidro, bebe o conteúdo de uma só vez, lança-me um sorriso exausto e, antes de eu expressar qualquer reação, desfalece. Observo o teto, escuto a avenida, tento entender... apavoro-me. Um dos vizinhos resolve chutar a porta, em tom de ameaça diz que a polícia chegará em poucos minutos.





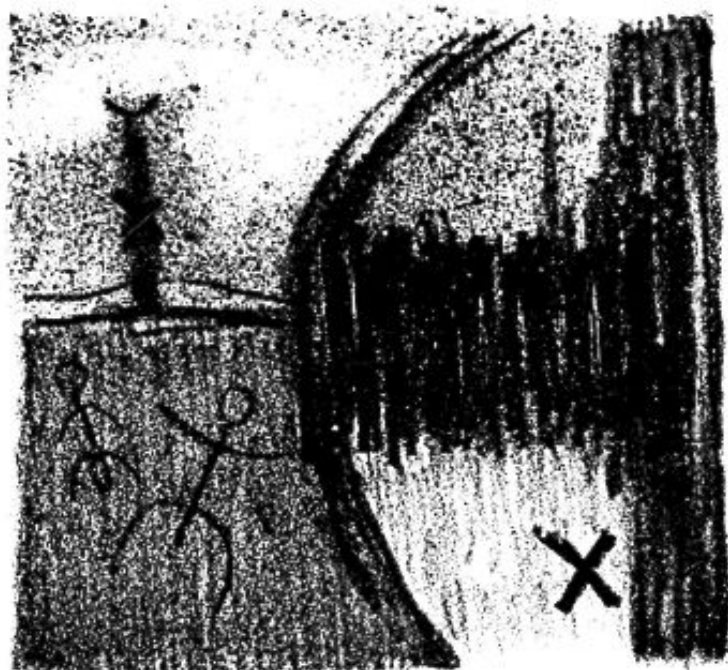
CD | FAIXA 14 - INSTANTE DURO - MURDO BFF

INSTANTE DURO

As venezianas cerram a noite dentro do quarto. A luz da tarde verte pelas frestas querendo duelar (mínima, o mínimo da enchente) contra a sombra grossa escondida no próprio dia, mas pinga aos poucos, esvaziando-se até minguar. A noite do quarto, escondida no alto do Edifício Argos, agora já é a própria noite: encerra os alices daqueles dois corpos sobre a cama. Ela, soluçando, com o lençol embolado entre os braços, pergunta a si mesma: o que fazer para puni-lo se não há pecado? como magoá-lo para que aprenda? como não ceder diante desses olhos, da escuridão que carregam? Até que a dúvida adensa, quase a impedindo de respirar, e o dorso delicado desenverga, deixando o lençol deslizar, seda sobre seda, para o piso de mármore e os seios saltarem nus, ofegantes, torturando-o, ainda indefeso diante da mágoa que causou. Mas, ele resiste, como nenhum homem poderia, imóvel, cercado de si, esperando ela chamar. Ela o chama. Ele se aproxima e a toma (como cão, que são todos os homens), quase a desmanchando no corpo imenso,

quase a penetrando. Desculpa meu amor, sussurra. Tenta beijá-la. Fizeste muitas besteiras, ela diz e vira o rosto. Ainda não me perdoaste?, ele pergunta. Franzindo a testa, ela o desafia. Imensurável na escuridão, ele cala. Pode-se ouvir as buzinas frenéticas, as freadas dos carros que se engarrafam, lá em baixo, na João Pessoa. Tudo bem, não foi nada, meu amor... nada que não possamos consertar, ela diz ao seu ouvido. Debruça-se (dele desfeita), adula-o desproporcionalmente, nos lábios ásperos, nos pés, nas pontas dos dedos, na glândula. Subjuga-o com facilidade. Por fim é cruel (como é necessário ser com meninos): não, não estou zangada, tenho certeza que tudo vai se resolver... são apenas uma dúzia de coisinhas para serem ajeitadas e quero que tu me ajudes, Hércules.





CD | FAIXA 15 - SOBRE LUTHER KING - 4 NAZZO

MARTIN

O verão, esmaecido. A chuva desambientou-o com rapidez. Nada brisa. E dá um frio despencando assim reto, agudeza de outono insistente talvez. Vinte e três horas e quinze minutos (incomunicáveis: chove). Oi moço, preciso duma cartela de aspirina e da chupeta mais barata que o senhor tiver aí, pede com o queixo apoiado na tábua improvisada entre a grade, espécie de balcão. Cai fora garoto!, o atendente responde lá do fundo da farmácia com os olhos voltados pra tevê. O senhor não me conhece... é sua primeira noite, não é?, mas sou do bem... Marte é meu nome, reparo os carros aqui na Venâncio... olha, assim que um freguês me pagar, volto e te dou o dinheiro. Cai fora neguinho, vou dizer pela última vez. Moço, ô moço, não precisa desconfiar, eu pago... preciso da aspirina pra cortar essa dor na cabeça... tô desnortado... larguei o loló, a cola, tudo!, faz dois meses... mas ainda tá foda... o bico é pra minha irmã... alguém roubou o dela, é meio estabanada. O atendente levanta, apaga a televisão, se espreguiça (exagerando agressivida-

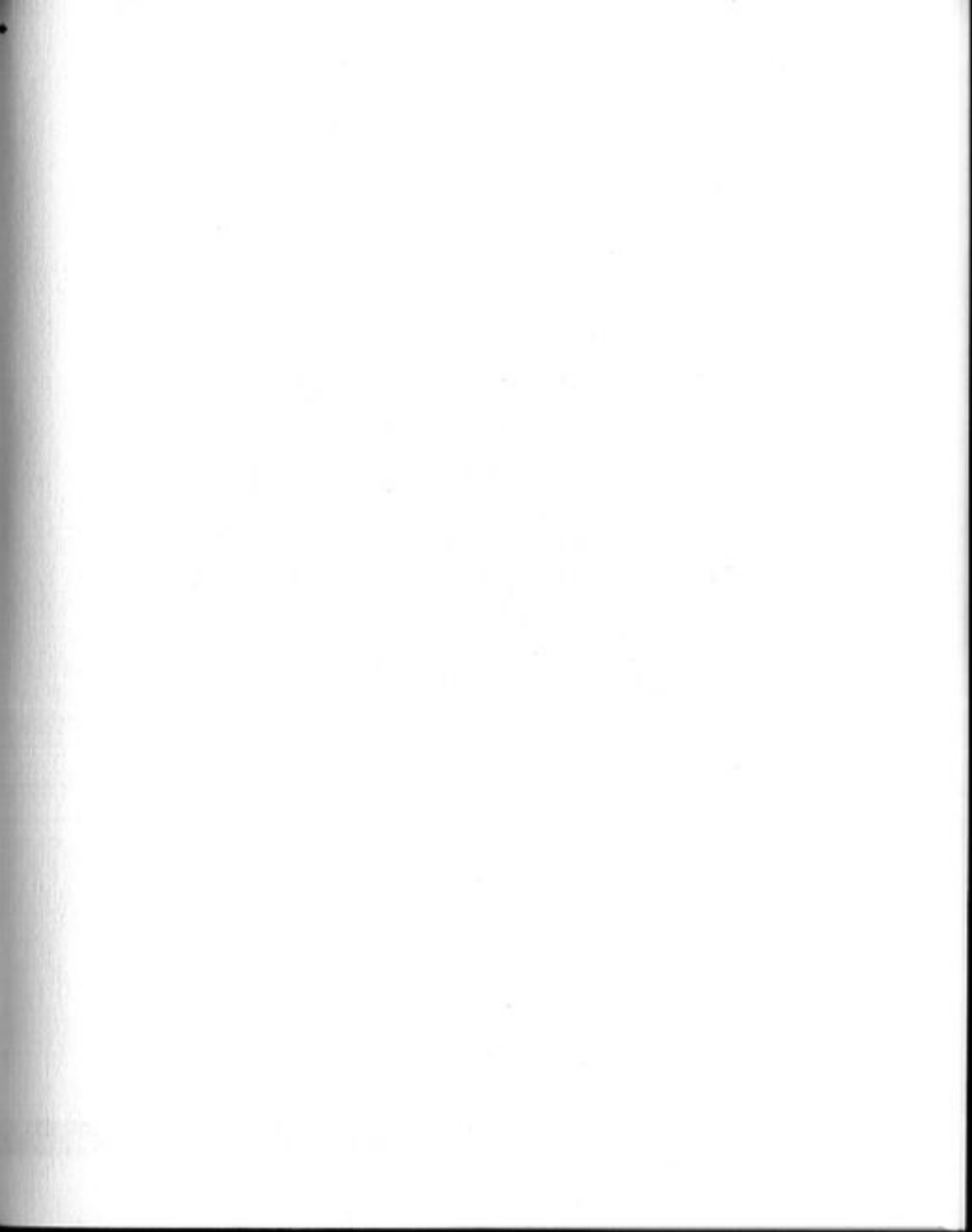
de), caminha até à entrada da farmácia: escuta aqui seu pivete de merda, eu não quero saber de ti ou da tua irmã... se tu foi viciado, se ela chupa bico, se ainda mija nas calças ou... Ela ainda mija, o menino responde: tem oito anos e ainda se mija toda... pô, tio... não tô querendo problema, me vende a cartela e eu te pago depois, ele fala e encosta a testa na borda da tábua. Escuta aqui neguinho... Não sou neguinho, tio!, meu nome é Marte. Não, diabo!, é neguinho, neguinho, o atendente vocífera, parado com as mãos na grade: e cai fora duma vez... neguinho! A chuva aumenta. Sob a marquise: a claridade fluorescente, mais nada. O menino desencosta a cabeça da borda da tábua, ajeita o boné sob o capuz de nylon, uma lágrima escorre do olho. Os dois se encaram por uns minutos. Cara! Que merda cara!, por que tu tá fazendo isso?, é maldade, não tá vendo?, eu ia te pagar... entende?, pagar. O barulho da chuva abafa sua voz, ele desiste, atravessa a Venâncio correndo, o atendente perde-o de vista. Minutos depois, ele volta, toca a campainha, o atendente se vira assustado. O menino põe um desses balões de festa vazio sobre a tábua, em seguida o suspende pela ponta, faz cair duas balas. Uma delas repica sobre a madeira, rola, ele a segura, põe ao lado da outra. São de trinta e oito, tio... sabe?, uma das coisas mais difíceis de se arranjar na rua é munição boa. Revólver todo mundo tem. É fácil conseguir emprestado... agora, munição que preste, que funcione... é dureza. O atendente estagnou, não desvia os olhos das balas, o menino as retira do balcãozinho, segura uma em cada mão: tio... olha bem pra elas, as duas são pra ti... esta é pra te derrubar... e esta outra vai direto pro teu coração. O atendente se afasta. O me-

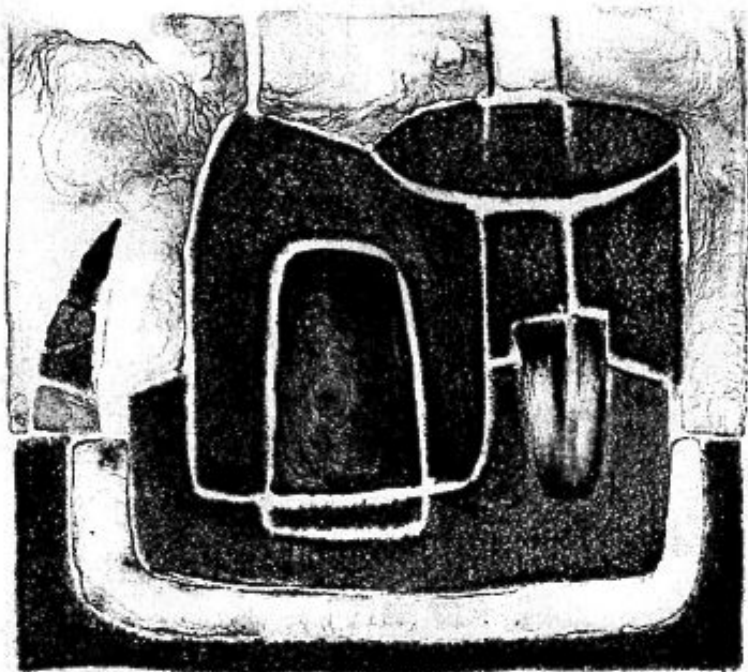
nino sorri (a singeleza do seu rosto infantil desaparece por completo), fica como os braços esticados, segurando firme as balas de pé entre o polegar e o indicador: amanhã, tio... amanhã... e sai na chuva, na direção do Pronto Socorro. O atendente corre ao telefone, pede ajuda, o encarregado caçoa do seu nervosismo. A chuva segue. E o verão, noite estragada.

O outro dia. Catorze horas, quarenta e cinco minutos, ele a puxa pela mão, atento às cercas, muros e árvores, à procura de macaquinhos, restos de comida limpa que os generosos deixam em sacos plásticos... pela Tomaz Flores, Garibaldi, Cauduro, Jaime Telles... melhor que revirar comida azeda ou catar batuque. Não tanto por si, mas por ela. Achar comida decente... continuar humano.

Catorze horas, cinqüenta minutos, ele acorda, ainda veste a camiseta branca com o logotipo da rede de farmácias. A filha mais velha não foi à escola. Ele nada pergunta, abraça-a, sente o pequeno corpo febril. Conversam. Seu diploma de engenheiro químico está pendurado no corredor, ele pode ver da cama. A filha conta por que não foi à aula: aqueles dedinhos tão parecidos com os seus, aquela risada, a chuva. As horas passam. Os ponteiros como se à espera das cinco e meia, de ele levantar e pegar o ônibus pro segundo dia. Ela está enorme, diz pra si mesmo... e a mais nova chega da creche com a mãe. A cama, o frio lá fora, agora, as duas pequenas pulando sobre o acolchoado... Quinze pras seis, a mesa posta, o pijama, as três já o esperando pro café. O banho morno, o frio lá fora. O medo. Elas se divertem à mesa (frutas de verão), ele senta, conta a piada predileta. Riem. Seis horas e cinco minutos, a mulher o olha preocupada, o ônibus pro Centro passa

em frente à casa, ele as convida para ver televisão. Ela tira a mesa, seis horas e quinze minutos, vai sentar-se ao seu lado. A mais velha, que estava no chão, vem pro seu colo. O filme da tevê a cabo está começando, ele aumenta o volume. A tarde esfria. A chuva, ainda. O verão é mais um só.



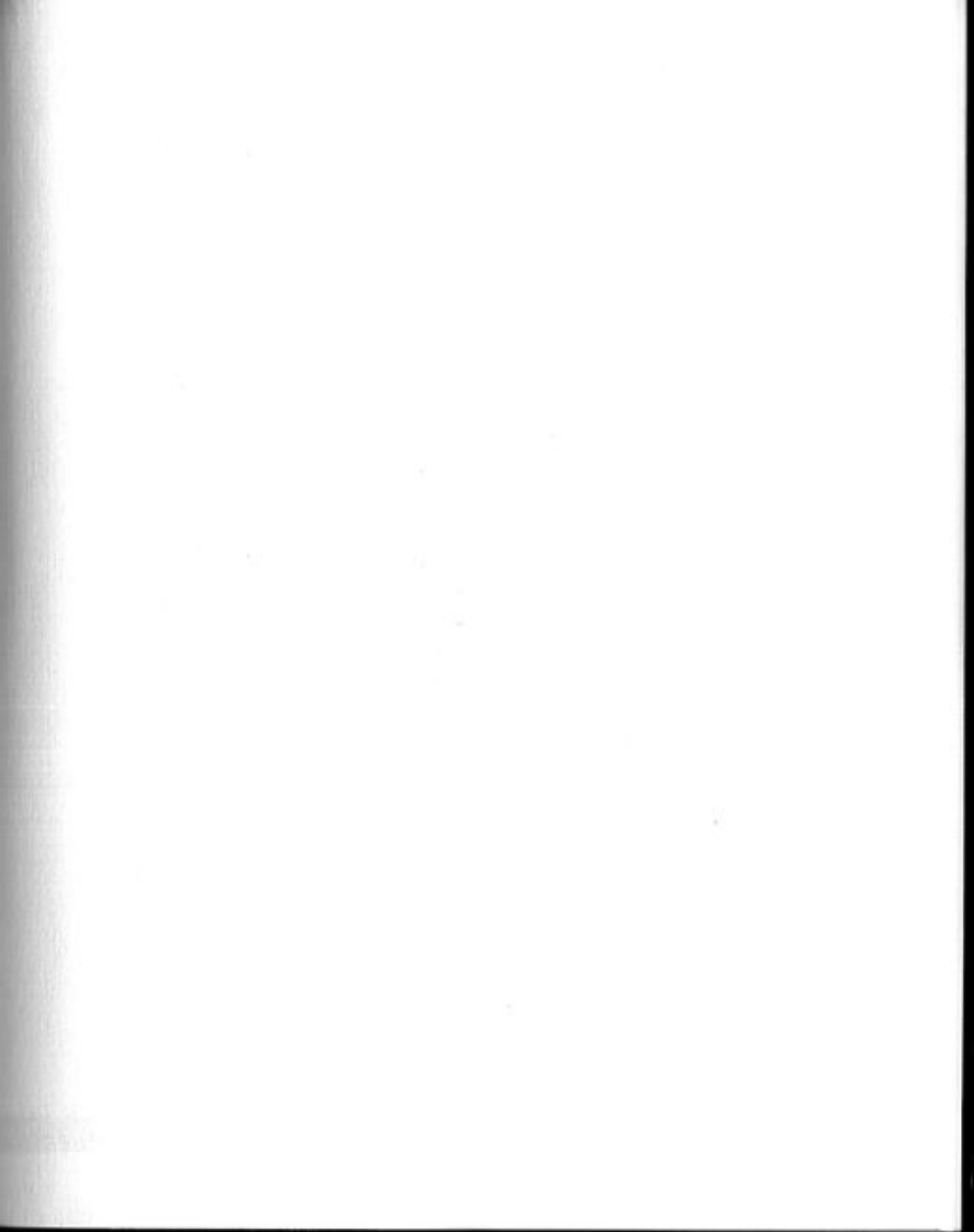


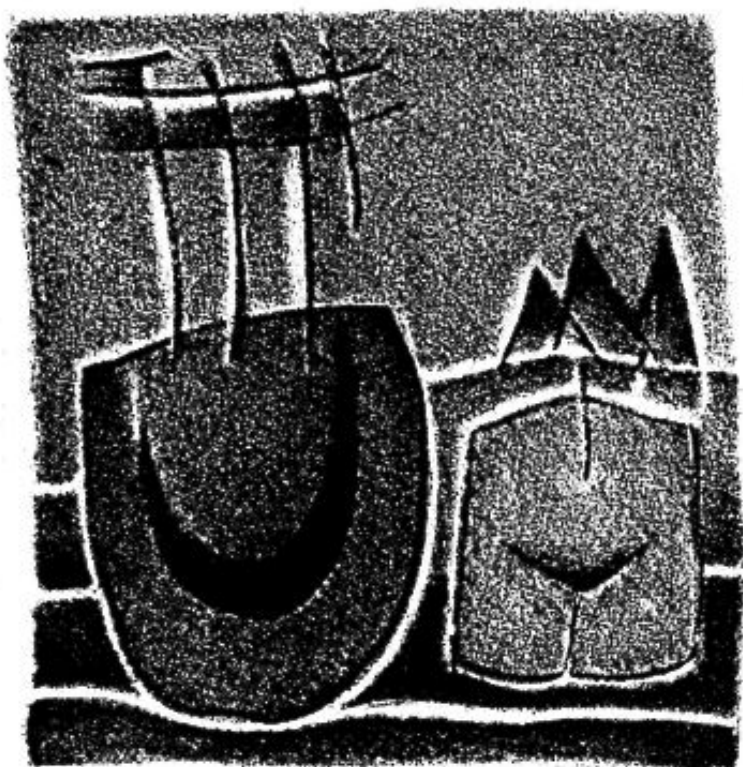
CD | FAIXA 16 - ATÉ SER ATINGIDO - PAULO CAMPOS

ATÉ SER ATINGIDO

Filho, segura forte a minha mão, a mãe tá cansada, muito cansada, balbuciou a velha, minutos antes de morrer. A noite caía cedo no chuvisqueiro insistente daquele primeiro dia de outono. Ele ficou ali, na penumbra da peça de madeira à beira da auto-estrada, segurando a mão dela, aguardando o corpo esfriar. Depois, acendeu uma vela, olhou a pobreza das paredes remendadas com latas de azeite, aspirou o fedor, a imundície que tentara de toda maneira evitar e se perguntou como foram acabar ali. Lembrou quando, ainda pequeno, ela (trabalhando de governanta na casa de um cônsul espanhol) prometia que logo se mudariam para a Espanha, veriam as touradas, as danças. Ele cresceria como espanhol e se tornaria um grande toureiro. Um dos mais famosos, meu filho, ela dizia, apertando com força suas bochechas até avermelharem no rosto confuso de criança. Lembrou também quando ela sofreu o primeiro derrame (ele estava com doze), o dia em que o pai os abandonou, a partida dos irmãos mais velhos, um de cada vez, canalhas!, o

segundo derrame e o terceiro. Cuidou dela como pôde. Um dia, numa loja do centro, comprou um pôster que imitava um daqueles cartazes de touradas e o pendurou na parede ao alcance do olhar dela (nunca soube se aquilo a deixou feliz). Subitamente, o lume da vela tremulou, como se assoprassem, tirando-lhe das recordações. Olhou em volta outra vez: ali não era mais o seu lugar. Cobriu-a com o lençol, calçou os sapatos de domingo, vestiu calça e camisa escuras, umedeceu o cabelo, penteou-o pra trás, abriu o guarda-roupa e tirou um lençol bordô de seda (a única peça que sobrou do enxoval dos pais), dobrou-o, improvisando uma capa. Olhou a mãe estendida sobre a cama, abriu a porta e saiu, caminhando lentamente por entre as casinhas da vila, em direção à Freeway. A chuva engrossara. Posicionou-se no meio da pista. Os automóveis passavam velozes. Os motoristas o xingavam (naquela roupa escura só era possível vê-lo a cinco metros de distância). Por uns segundos, permaneceu imóvel, nada de manobras ou truques, até que um espelho lateral o atingiu com força no quadril, depois outro e outro. Ia cair de joelhos, mas se aprumou, respirou fundo, fez o sinal da cruz, descerrou a capa improvisada, agitou-a para a chuva fazê-la pesar. Sem treino, sem muleta ou espada. Que se foda a Espanha! Avançou.





CD | FAIXA 17 - UNIDUNITÉ - CELSO COELHO

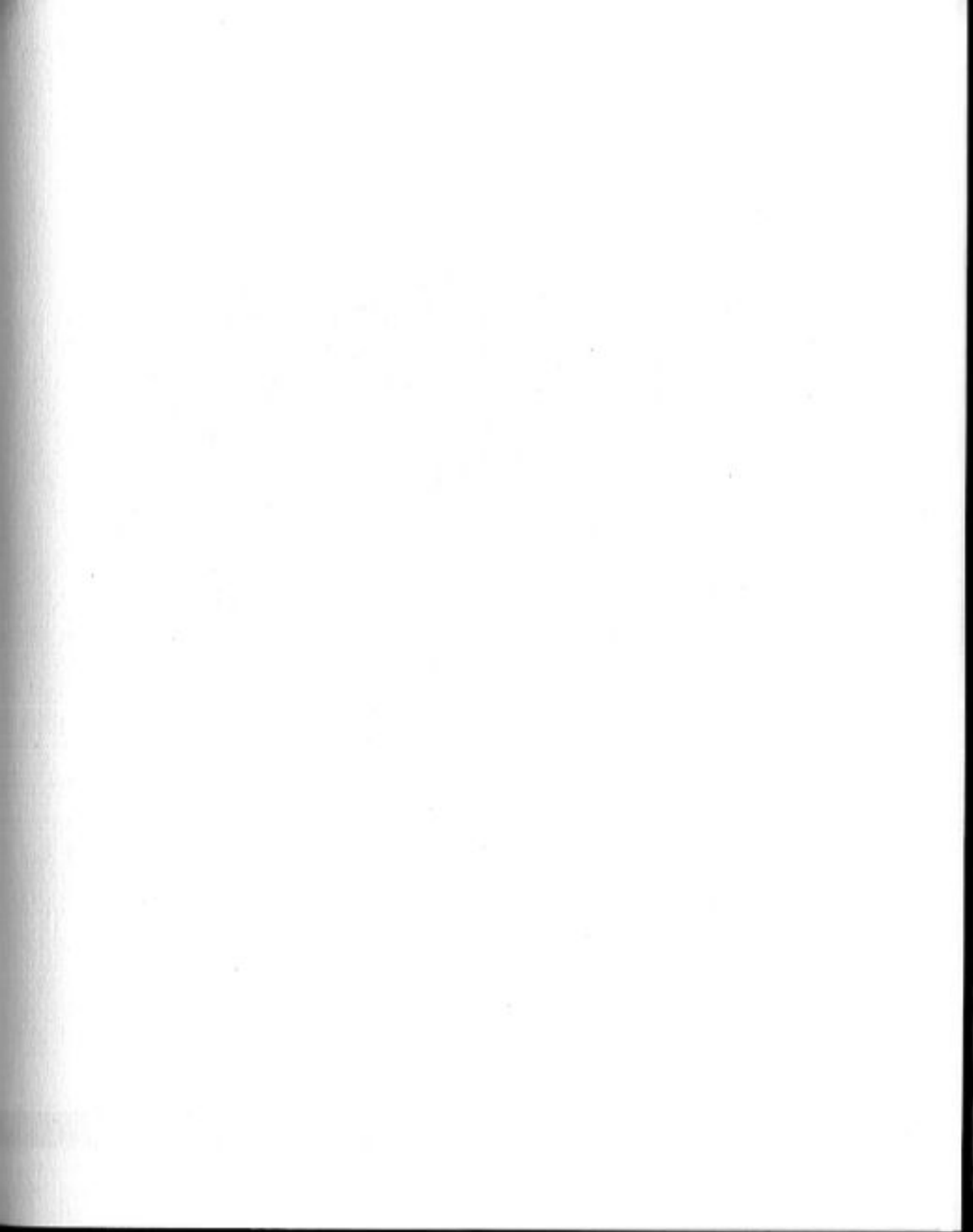
UNIDUNITÊ

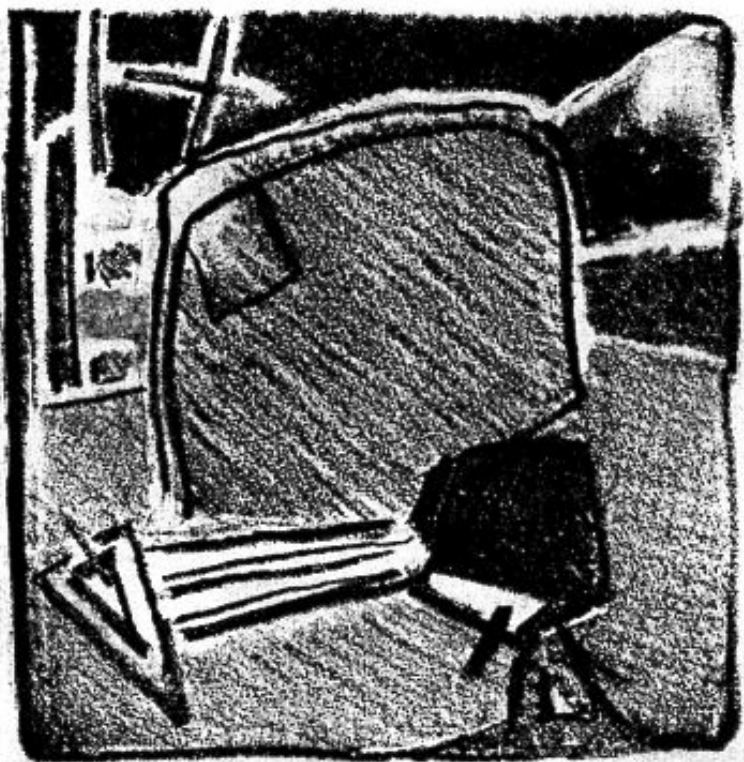
"(...) suspeito que tua brutalidade atrasará, é o que toda manhã desminto, mas toda manhã me surpreende e espero (...)"

ELRODRIS, *Histórias curtas para domesticar as paixões etc.*

Acorda com vontade de comer pastel de carne, beija-a na nuca, põe o lençol de lado, alisa as nádegas púberes, ensaia uma palmadinha que sai sem graça. Enterra os dedos no pote de margarina ao lado da cama, unta-se, vai entrando... Depois se limpa na fronha do travesseiro, abre a carteira, tira uma nota de dez, manda-a ao supermercado. Ela odeia supermercados. Esfrega os lábios com desleixo, veste-se e sai, desce as escadas se equilibrando na friagem dos chinelos de dedo. A claridade do dia fraqueja contra as calçadas úmidas e vazias da Osvaldo Aranha. Entra no supermercado, compra os ingredientes. Na volta, pára em frente a uma ferragem

(há um comunicado público sobre a infestação de ratos no bairro), seu olhar desvia pro interior da loja. Entra e encontra algo que lhe chama a atenção: uns saquinhos plásticos transparentes com umas pedrinhas cor-de-rosa dentro. Lê as instruções, leva três. No apartamento, pega a cartela de soníferos escondida sob o porta-talheres, abre dois dos saquinhos, prepara o guisado, recheia a massa, frita os pastéis. Uma e quinze, vai ao quarto acordá-lo. Ele almoça em silêncio. Ela aguarda, recolhe a mesa, prepara uma xícara de café, leva ao quarto, ele está nu sentado à cama. Manda-a se ajoelhar, pega-a pelos cabelos. Assim, assim terneirinha, assim... Adormecem... Duas e dez (repentino duas e dez), ela salta da cama, pega a bolsa, corre para o emprego. Entra apressada no mercadinho, evita o olhar da patroa, ajelta-se atrás do balcão, mostra a língua pra câmara do circuito-fechado, espia a rua, nauseia. Põe a mão sobre o ventre, aguarda uns minutos (ninguém entra). Pega dinheiro do caixa, uma garrafa de coca-cola do freezer, sai despercebida. Caminha pela Venâncio até o prédio de um conhecido seu, toca o porteiro-eletrônico. Não está. Encosta-se nas grades do edifício, abre o refrigerante, tira o saquinho plástico do bolso, põe as pedrinhas cor-de-rosa uma a uma dentro da bebida, abre a bolsa, pega o minidicionário de nomes próprios e a caneta com a tampa mordida, deixa a garrafa de lado.





CD | FAIXA 18 - MANHÃS - 4 NAZZO

MANHÃS

"Os quintais estão vazios de frutos, e os poços de cinzas devolvem seus mortos encapuzados (...)"

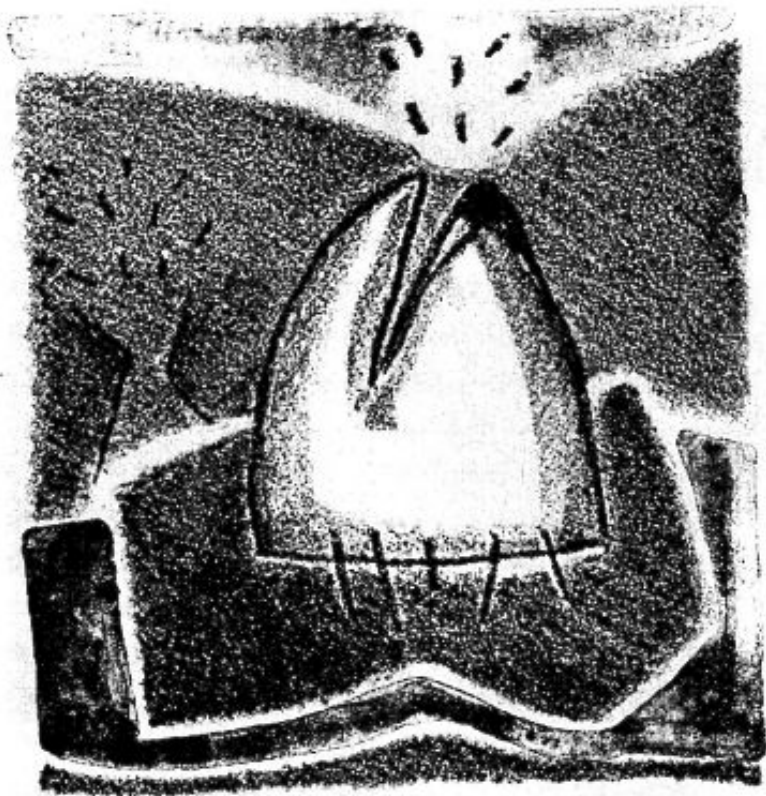
WILLIAM S. BURROUGHS, *Almoço Nu*

Ela perguntou se gostaria de outro esclarecimento, ele sacudiu a cabeça dando a entender que não. Olharam-se com indiferença. Ela chamou a assistente, pediu que o acompanhasse. Ele agradeceu constrangido... A lembrança daquele encontro vai esmaecendo até que se desfaz, ele se apercebe do calor do sol em seu rosto, contempla a graciosa revoada dos pombos machos sobre a praça central da pequena cidade. Por um instante, chega a se entreter com aquilo, mas desiste, cerra as cortinas, volta o olhar pra dentro do quarto. Detém-se no calendário plástico sobre o criado-mudo. Menos de uma semana, pensa. Observar aqueles numerais virou sua obsessão, tem predileção inexplicada pelos vermelhos do domingo. Senta

na cama, traz o calendário até os lábios, observa o porta-retratos com a foto das filhas ainda crianças: Isabela e Carolina. Estão abraçadas uma na outra, com seus uniformes de escola: uma com oito, a outra com seis. Não as viu crescer, abandonou Cecília durante a gravidez da Carolina. Velo a conhecê-la somente no seu aniversário de treze anos. Isabela estava com quinze (e já o odiava). Hoje, estão adultas. Ele abre a gaveta do criado mudo, pega a nove milímetros, bota o cano dentro da boca, permanece assim... sente o gosto do óleo lubrificante, engasga com a saliva, tira a arma da boca. Fica ali, segurando-a. O telefone toca, é Carolina: oi pai! Como vão as coisas? Ela telefona todos os dias, interfere em seu mundo de medo (os cirurgiões prometeram fazer o impossível, mas dificilmente sobreviverá). Daquele jeito, Carô... ando meio enjoado dos remédios, meio confuso, e a programação da tevê não ajuda muito... Você sabe..., responde. Pai, estou te ligando porque a Isabela anda muito estranha. Quer te ver, só não admite. Ontem a visitei, estava bastante deprimida. Sugerí irmos até uma dessas confeitarias que ela adora, mas ela me despachou. Bem Carô, se te conheço, queres que a procure. É, mais ou menos isso. Carô... Diz, pai... Ela foi extremamente cruel aquela manhã no hospital, sequer levantou da cadeira para se despedir. É, eu sei, ela mesma me disse. O detalhe é que tu também foi cruel conosco no passado, Carolina silencia por alguns segundos e no mesmo tom suave continua: pai, liga pra ela, pede pra ir aí te encontrar, diz que a ama. Ele não responde. Levanta. Caminha em direção à janela, pára, segura o telefone na altura do peito (a claridade da manhã continua extraordinariamente inten-

sa), volta a falar: Carô... Diga, pai... Eu vou ligar pra ela... Hoje? Sim, daqui a pouco. Que bom, pai. Eu te amo! Eu também te amo, filha, dá um beijo nos meninos por mim. Obrigada, vou dar, tchau, te amo!, desliga. Passados esses anos todos e ainda não consegue explicar por que as abandonou. Chama a si mesmo de idiota. Vai até à janela, descerra a cortina. Abre as pálpebras, como se quisesse inundar os olhos com aquela claridade incomum. Estica os braços pra fora, observa a ausência de nuvens no céu, olha as palmas das mãos, mexe os dedos freneticamente, como fazem os mágicos diante da platéia. Esboça um sorriso envergonhado. Inspira todo o ar que pode e, contendo-o por instantes, volta-se para telefonar à Isabela.

A manhã está linda, Carolina levanta da poltrona, ajeita a sonda no braço dele, ajeita o lençol, se aproxima do seu ouvido, sussurra: vamos acordar, vamos deixar os sonhos pra depois. Ela está ali desde a noite anterior (decidiu esperar até o meio-dia, quando começa o plantão da irmã). Vai até a janela, descerra a cortina, abre a vidraça, respira o calor, fica parada com a mão no trinco, contemplando o verdejar da praça em frente ao Colégio do Rosário. Os cirurgiões deram um prognóstico nada otimista. Mas a operação foi só há dois dias, ainda é cedo, elas têm esperança. Aguardarão ele sair do coma.



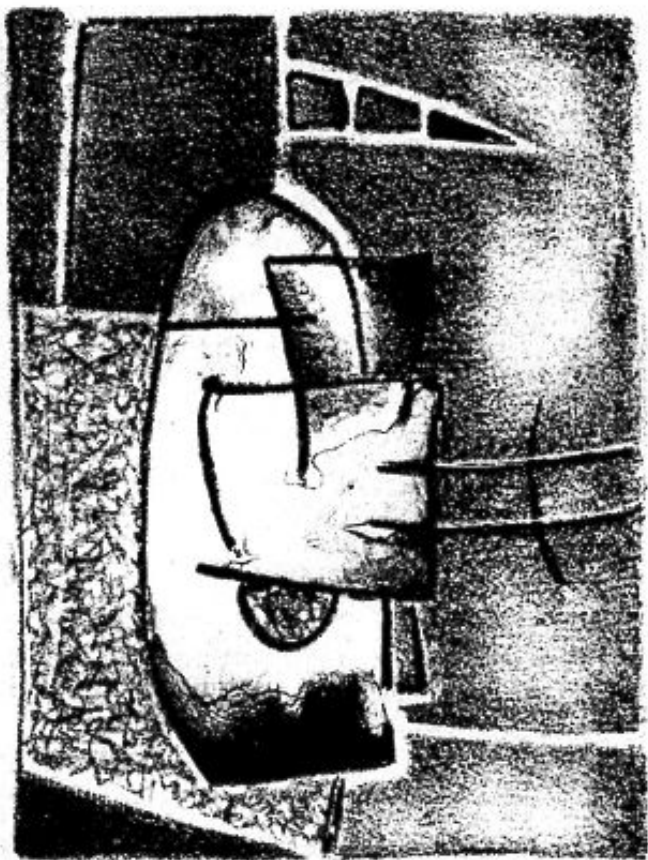
CD | FAIXA 19 - RATOS - PAULO CAMPOS

CARROS VELOZES

Foi exatamente há dois anos atrás, aqui neste banco da praça da Encol: uma noite quente. Enquanto eu a beijava, ela segurava meu punho direito com as duas mãos, forçando meus dedos pra dentro da sua calcinha. Na hora, não acreditei que aquilo estivesse acontecendo comigo. Podia chegar alguém a qualquer momento, estava muito na vista, mas azar, não importava. Eu ficara meio louco desde que a conhecera (era a terceira vez que ficávamos). Digo sem vacilo, foi ela que deu em cima de mim. Eu a sacava de longe, há quase um mês. Seu olhar meio tímido se demorava no meu, circundava meu rosto, mas escapava em seguida numa piscadela maliciosa. Ela andava com uns babacas do tipo vamos ver quem tem mais testosterona?, parecia sempre alegre, mas seu olhar, quando eu a pegava desapercebida da vida, era vago caindo pro melancólico. Num final de tarde, eu estava sentado na grama, escrevendo um pequeno ensaio sobre Ovídio, quando a vi se aproximando com um olhar decidido e seis livros debaixo do braço. Parou na minha

frente e encarando-me falou: pega, os livros são seus. Furtara-os do apartamento de um tio (um completo retardado, segundo ela) que herdara a biblioteca inteira do seu falecido avô e os mantinha numa estante apenas como objetos de decoração. Jamais pensei que você viesse falar comigo; ainda por cima com esses livros pra me dar de presente, falei. É, mas só fiz isso porque tu é o único garoto que frequenta a praça e tem esse ar tristonho de jovem intelectual; sempre escrevendo nesse caderninho; além do mais... eu te acho uma gracinha. Em breves palavras, foi assim que começou. Agora, adiantando um pouco. O fato é que eu estava ali, com ela toda molhadinha, pingando nos meus dedos, há pelo menos quarenta minutos, quando seu pai chegou do nada, acompanhado de dois brigadianos. Larga minha filha, seu vagabundo, ele vociferou. Como?, perguntei, tomando um soco na cara no mesmo segundo. Minha cabeça pendeu para trás e caí de costas no chão. Até onde lembro, não vi passarinhos. Ela só tem doze anos, gritou. Doze?, olhei surpreso pra ela, aqueles peitos estufados não eram de doze nem aqui nem na China. É, seu imbecil, doze!, chutou-me no estômago, quase desmaiei. Os brigadianos o seguraram, graças a Deus. O velho era forte, se deixassem iria me matar. Fiquei ali estirado. O troglodita, depois de prometer com ar de jagunço do interior do Paraná que se me encontrasse de novo com sua filha quebraria minha espinha, pegou-a pelo braço, arrastando-a até o seu carrão importado e partiu. Ela sequer olhou pra trás. Isso foi o que me machucou mais. Por fim, um dos brigadianos me pegou pelos ombros e falou algo como: vê se te cuida, Don Juan!, menor de catorze é crime,

encostando-me neste mesmo banco, onde fiquei apalpando os lábios doloridos e cuspiendo sangue. Posso dizer que alguma coisa naquilo tudo, por mais patético que tenha sido, marcou-me profundamente. Hoje, as coisas estão mais tranqüilas: saio com uma médica de vinte e sete, ela nunca elogiou meu ar tristonho de jovem intelectual, e seu pai morreu quando tinha dois anos.



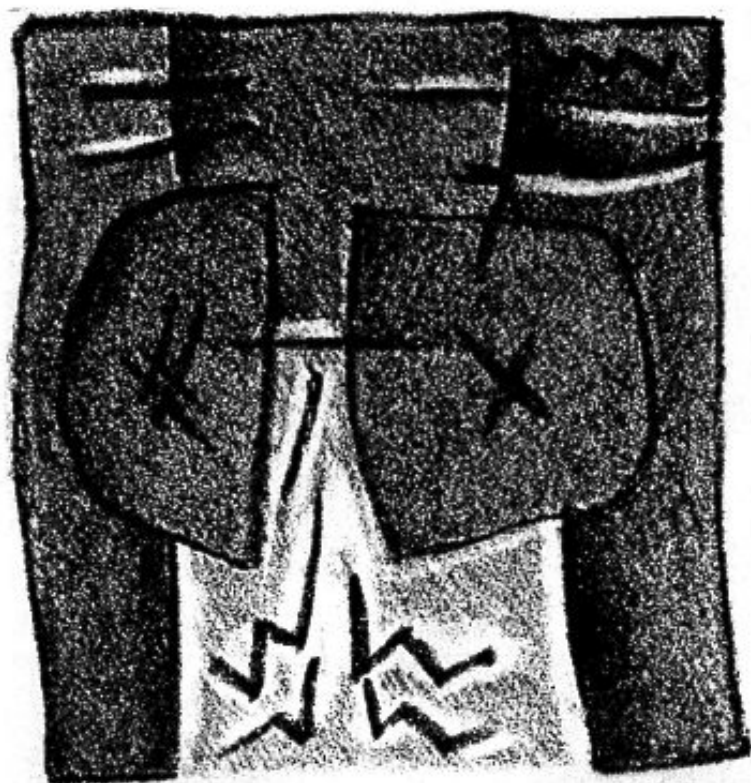
CD | FAIXA 20 - VILANIA - FLU

RASPAS DA VILANIA

Hoje eu vou comer todas!, falou o que estava sentado no banco da moto prateada. Hoje, vai ser foda!, disse o da moto vermelha, alisando o cavanhaque tingido de verde-limão. Olhei-os com inveja. Nunca tive uma jaqueta de couro e sequer aprendi a andar de bicicleta. Se conheci velocidade foi numa carona que peguei pra Cidreira na Brasília envenenada dum primo mais velho – era madrugada, ele não baixou de cento e trinta. No ano seguinte, bateu contra um poste na descida da Cristiano Fischer, morreu antes do socorro chegar. A noite estava agradável. Resolvi ficar ali fora, escutando-os. Cara, te juro, eu quero mesmo é fuder esses otários!, esse da moto prateada pareceu-me o líder. E aí, já acertou aquele rolo com a Administradora do Cartão de Crédito?, perguntou o da moto preta. Eram quatro (esqueci de dizer), o da moto cuja cor não lembro ficou calado, chafurdando o ouvido com a ponta da chave. Na mesma, eles me chamaram nas pequenas causas. Saí dizendo que não tinha acordo, nem levei advogado, essas taipas estudam, estudam, e a

gente sabe mais que eles... Otários! Cinco anos na faculdade... nem dá pra acreditar, responde. E já saiu a sentença? Claro que não, tem que ouvir as testemunhas; não sei que testemunha eles vão arranjar contra mim. Nem esquentar, não dá nada!, ano passado, peguei dinheiro num desses banquinhos agiotas do Centro, torrei a grana com as maravilhosas da Farrapos. Noite gala! Até hoje, devem estar esperando que eu vá pagar. Nem tô aí. Era meu aniversário, gabouse o da moto vermelha, não mandei me darem crédito. Riram. Por falar em maravilhosas..., disse o da moto preta, noite dessas, lá em Ipanema, um cara encostou o Tempra em frente à praça, abriu o porta-malas, escancarou os autofalantes, botou um som irado e tirou um barril pequeno de chope, com serpentina e tudo. Meu! Ficou ali, só na manha. Encheu de mulher. Cada uma melhor que a outra. É, tem cara que sabe viver, disse o da moto prateada. Um dia eu também faço uma dessas, o da moto vermelha. A gente é pobre, mas se diverte pra caralho, completou o da moto preta. Pra caralho!, concordaram. Alguém bateu no meu ombro: aí, tio... Minha pizza estava pronta. Entrei, pedi um refrigerante dois litros (não podia abusar, já eram onze da noite), paguei e saí. Ao passar pela porta, observei o da moto prateada (o suposto líder) botando duas pizzas no baú da moto. Ele percebeu, lançou-me um olhar de desprezo, deu a partida e saiu arrastando o pezinho da moto. Vê se não te mata embaixo dum ônibus, gritou o que até então estava calado, limpando a ponta da chave no punho do blusão. Pode crer, respondeu, olhando pra trás, e depois gritou: Içaaaaa! (e eu que pensei que ninguém mais gritasse içã). Esse é doente!, disse o da

moto preta. Baita otário!, o da vermelha emendou. Saí me perguntando quando estarei pronto pra este mundo, jurando que antes da chegada do inverno comprarei um fogão e aprenderei a cozinhar.



LINGUAGENS MÍNIMAS

Era outra noite daquelas, ela entrou magra e lenta pela janela (mancha acamurçada e escorreu como uma pluma na periferia da minha visão), eu estava sozinho, Lari-Lará havia partido pra sempre (eu não podia medrar), meus dedos apertados próximos à ponta (rolando ali equilibrados) forçando a tinta azul contra a folha de caderno espiral (na capa, uma dessas artistas de novela, nas pautas amareladas, todas as séries do supletivo) até a casca plástica da Bic quebrar. Na sombra da escrivaninha, ela passeava. Olhei-a de cima, estava quase gorda (já toda gorda e preguiçosa atrás). Deixei-a brincar mais um pouco, depois me afastei, e instintivamente levei a mão aberta contra ela. O sangue borrou meus pêlos. Foi bom enquanto durou. Levantei, abri o armário, peguei o inseticida, gastei o tubo (as gotículas inundaram a quiltinete). Os olhos ardentes lacrimaram (tentaram respirar), corri à sacada (vítima das labaredas), gritei muitas vezes o nome da minha garota Lari-Lará, disse a todos os vizinhos (não foi demais, pois éramos um prédio grudado no

outro) que vissem em meus olhos a prova da ausência irrefutável de amor. Duma janela, voou contra mim (direto na cabeça) um chinelo havaiana e em seguida gritou uma voz idosa: "você cafajestes são todos iguais".





CD | FAIXA 22 - NADA - JIM JOE

VENÂNCIO COM JOÃO PESSOA

Estava numa das esquinas da Venâncio com João Pessoa, esperando o sinal dos pedestres abrir, quando ele se aproximou e disse em voz baixa: finalmente te encontrei. Entregou-me uma pilha de folhas, umas quatrocentas talvez (quase não consegui segurá-las), e eufórico falou: ó, estes são os originais, me ajuda a achar o caminho, por favor. O jovem estava perturbado. Olhei as folhas. Um romance?, perguntei. Ele me olhou demoradamente (com algum temor, eu diria) e ainda em voz baixa: não um romance... com a tua ajuda, o romance... ou melhor, o primeiro dos meus romances. Folhei sem jeito, aquilo estava uma confusão: sublinhados, letras em negrito, em vermelho, azul, verde limão, verde musgo, roxo, parágrafos inteiros tachados, com linha simples, dupla, tripla, realces em rosa e amarelo. Impossível de entender. Olhei-o. Mas, nós nem nos conhecemos. Deixa de brincadeira! Tu conheces todo mundo, respondeu. Olha rapaz, sou apenas um velho. Sim, ele nem deixou eu terminar, tu és o que és, justamente por ser velho. Mais um des-

ses viciados, pensei. Ok, meu jovem, vou ajudá-lo. Ele agradeceu e quase se pôs de joelhos, segurei-o. Cadê o contrato?, perguntou e no mesmo instante sacou um canivete do bolso (aquilo estava fugindo ao controle). Como assim?, perguntei. O contrato, droga! Qual é, vai abusar do coitado aqui? Sem refletir (nestas horas, a polícia nunca aparece), tirei do bolso interno do sobretudo o contrato do plano de saúde (depois de muita incomodação, consegui obrigá-los a recolocar alguns dos benefícios excluídos em razão da minha idade; estava levando pra casa, queria revisá-lo antes de assinar) e lhe entreguei. O pobre coitado pegou o canivete, furou a ponta do dedo e assinou com o próprio sangue na última página do contrato (se-quer leu). Não pronunciei uma palavra. Ele me devolveu o contrato e perguntou: quando? Quando, o quê?, devolvi a pergunta. Quando me entregará o romance? Amanhã..., titubeei. Ótimo! Amanhã aqui e nesta mesma hora, abraçou-me e sussurrou: finalmente, serei o primeiro brasileiro a ganhar o Nobel de literatura... A longa estrada começa a ser trilhada. Fiquei parado sem reação, apoiado na minha bengala. Ele ainda me disse que, exceto pelo terno preto e meus pés, eu estava irreconhecível. Perguntei seu nome. Elrodris¹, ele respondeu. Foi em direção ao centro da cidade, ainda abanou de longe (ah, esses drogados!). O sinal estava aberto para os pedestres. Não

[1] *A verdadeira história de Elrodris (por Camila Dalbem):*

Elrodris atravessa a rua correndo. Do outro lado sou eu sorrindo, a mão estendida. Elrodris larga o bilhete na ponta dos dedos. Lelo e jogo fora. Tem mania de entregar-me esses papéis meio amassados (porque ele também é assim).

Dorothy é uma estranha. Sentou na cadeira ao meu lado. Nesse momento estou num café em frente ao metrô. Diz-me que na noite anterior conheceu uma cigana. O assunto

avancei. Preferi ajeitar melhor as folhas sob o braço, curvar-me um pouco pra frente e dar uma boa olhada nos meus pés.

não me interessa. Continuou: deveria manter os olhos abertos, pois alguma coisa iria lhe acontecer. Concordei. Não falo com estranhos, mas Dorothy parecia-me dessas pessoas que acreditam em ciganas. Meu café esfriava enquanto Dorothy me observava, era difícil fazer algo trivial como beber um café enquanto alguém mantinha os olhos fixos, esperando o grande sinal. ALGO aconteceria. Pedi desculpas a Dorothy por não poder ficar ao seu lado.

Elrodris insistia em não vir morar na minha casa, então eu gastava o tempo escrevendo um livro. Elrodris dizia que escrever me faria bem, eu era um ser imperfeito demais. Agradeço essa observação. Nunca tive animais de estimação, plantas ou cds de jazz. Isso é pouco, dizia Elrodris em seus bilhetes. Nunca tive a voz de Elrodris caminhando no ouvido. Nunca perdi a mania dessa eterna falta: nunca.

Caminho por uma praça. Está escurecendo e penso que agora encontro a pessoa certa. Há uma mulher de quarenta anos sentada em um banco. Passo à sua frente e ela não move os olhos (descubro: olha para dentro). Volto. Sento ao seu lado.

"Querida Leonor: Elrodris disse uma vez, estava manco: Fodi meu joelho (a gente sempre se fode por causa de mulher), Leonor gritava não pára, não pára, enquanto a minha rótula esfarelava na ponta da cama". Não era Leonor. Nunca é. Voltei a caminhar.

NUNCA MAIS PROCURAR LEONOR.

Em frente à porta estava uma caixa (Elrodris não tinha mania de caixas, só de bilhetes). Perco o interesse. Procuro um lápis, o papel do pão e continuo a história de não ter Elrodris. Duas linhas. Uma garrafa de conhaque está sobre o braço do sofá. Há o suficiente, um copo (o meu).

Acordo. Há sangue no tapete da sala. Não contei, mas comprei um gato. Elrodris deve tê-lo matado (sempre vem aqui à noite). Não me acordou, sabia que eu não gostaria de ver o gato morrer. Há sangue no banheiro também. Há sangue no corredor. O gato se esfrega na minha perna, está assustado. Há sangue no gato. Não há ninguém morto. Há apenas o bilhete de Elrodris preso no imã da geladeira.

CD Ainda orangotangos

Faixa	Título Tempo	Compositores
1	Estudo para livro dois 2:10	Paulo Campos
2	Jazz pan 1:26	Flu
3	Casacas 1:38	Celso Coelho/Simone Carvalho
4	Neva 2:19	Flu
5	Pusilânimes 1:34	Flu
6	Insônia postiça 1:44	Murilo Biff
7	Samba electroacústico nº 4 2:28	Eduardo Reck Miranda
8	Ampulheta 1:40	Guenther Andreas
9	Ainda orangotangos 2:18	Flu
10	Se há fantasmas no parque 1:24	4Nazzo
11	Kyrie 3:46	Eduardo Reck Miranda
12	The stereo head phone 3:17	Murilo Biff
13	From electroacústic #2 3:19	Eduardo Reck Miranda
14	Instante duro 1:32	Murilo Biff
15	Sobre Luther King 1:31	4Nazzo
16	Até ser atingido 2:03	Paulo Campos
17	Unidunitê 1:18	Celso Coelho
18	Manhãs 1:36	4Nazzo
19	Ratos 0:43	Paulo Campos
20	Vilania 2:12	Flu
21	Linguagens mínimas 1:42	Flu
22	Nada 2:58	Jimi Joe

*Todas as faixas (exceto 7, 11 e 13) foram gravadas e masterizadas na DEFF RECLAME OFICINA SONORA, Rua Mozart, nº 59, Bairro Três Figueiras, Porto Alegre - RS.

**O CD foi duplicado pela DIVULTEC LTDA, Rua Presidente Kennedy, nº 912, Bairro São Luiz, Sapiranga - RS.



Financiamento:



PREFEITURA DE SÃO PAULO
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA

CD-ROM
DIGITAL AUDIO

3200702223
20

paulo scott

AINDA ORANGOTANGOS

